



**AS MULHERES DE CACHOEIRINHA:
FAMÍLIA, PRODUÇÃO E GÊNERO NUMA
COMUNIDADE RURAL DO SUL MINEIRO**

MARIA ANGÉLICA MELO DE MOURA SILVA

2003

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

CEDOC-112

P

D
06137
m.5973

MARIA ANGÉLICA MELO DE MOURA SILVA

**AS MULHERES DE CACHOEIRINHA: FAMÍLIA, PRODUÇÃO E
GÊNERO NUMA COMUNIDADE RURAL DO SUL MINEIRO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Mestrado em Administração, área de concentração Gestão Social, Ambiente e Desenvolvimento para obtenção do título de "Mestre".

Orientador
Prof. Dr. Áureo Eduardo Magalhães Ribeiro

LAVRAS
MINAS GERAIS – BRASIL
2003

CENTRO de DOCUMENTAÇÃO
CEDOC/DAE/UFLA

**Ficha Catalográfica Preparada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da UFLA**

Silva, Maria Angélica Melo de Moura

**As mulheres de Cachoeirinha: família, produção e gênero numa
comunidade rural do Sul Mineiro / Maria Angélica Melo de Moura Silva. --
Lavras : UFLA, 2003.**

91 p. : il.

Orientador: Áureo Eduardo Magalhães Ribeiro.

Dissertação (Mestrado) – UFLA.

Bibliografia.

**1. Agricultura familiar. 2. Mulher rural. 3. Relação social de gênero. I.
Universidade Federal de Lavras. II. Título.**

CDD- 306.822

- 331.4

MARIA ANGÉLICA MELO DE MOURA SILVA

**AS MULHERES DE CACHOEIRINHA: FAMÍLIA, PRODUÇÃO E
GÊNERO NUMA COMUNIDADE RURAL DO SUL MINEIRO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Mestrado em Administração, área de concentração Gestão Social, Ambiente e Desenvolvimento para obtenção do título de "Mestre".

APROVADA em 24 de novembro de 2003

Prof. Dr. Mozar José de Brito - UFLA

Prof.^a Dr.^a Maura Lígia Zelaya de Chévez - FIAMG



Prof. Dr. Áureo Eduardo Magalhães Ribeiro
UFLA
(Orientador)

**LAVRAS
MINAS GERAIS – BRASIL**

DEDICO

A meus pais,

Marlene de Melo Moura e

Francisco das Chagas Coelho de Moura

(in memoriam), exemplos de amor e dedicação.

A meus filhos, Raiany e Igor

por suportarem minha ausência,

mesmo quando eu estava presente.

Ao meu esposo, Reginaldo,

por fazer parte da minha vida

e pelas inúmeras horas dedicadas ao

meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar nos momentos de insegurança.

Aos meus irmãos, Nina, kayda, Marta, Jailton, Fátima e Raimundo pelo carinho, amizade e incentivo.

A todas as tias, em especial às tias Lais e Terezinha, pelo imenso amor, confiança e segurança que sempre nos transmitiram.

À EMATER-ACRE pela possibilidade de tornar realidade um sonho há muito acalentado.

Ao professor Eduardo Ribeiro pela orientação cuidadosa, pelos ensinamentos e pela amizade.

À professora Rosana Vieira Ramos, pelos esclarecimentos, pela amizade e pelas preciosas sugestões.

À “turma de 2002” pelos momentos de descontração na hora do lanche e pela força, ânimo e alegria que fizeram deste processo uma divertida caminhada.

A uma amiga em especial, Socorro Ribeiro, que me incentivou a “encarar” o mestrado e me ensinou os primeiros passos da extensão, presença constante em minha vida.

Às amigas da EMATER-ACRE, Leticia pessoa, Vera Gurgel, Socorro Souza, Maria do Carmo, Luzia Farias e a toda a equipe do Humaitá pela solidariedade e companheirismo.

Aos amigos acreanos em Lavras com quem sempre pudemos contar, Henrique Jorge, Lindomar e Rita de Cássia.

Agradeço profundamente à comunidade da Cachoeirinha pelo carinho e disponibilidade com que fui recebida em suas casas. Agradeço particularmente a Dona Luzia Magali, Seu Ernesto, Dona Teresa e Seu Epaminondas pelas conversas agradáveis e pela atenção a mim dedicada.

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
ABSTRACT.....	ii
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos.....	2
1.2 Metodologia.....	2
2 A MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR.....	9
2.1 Agricultura familiar.....	12
2.2 Gênero.....	21
2.3 Divisão sexual do trabalho.....	24
2.4 A invisibilidade do trabalho da mulher na agricultura.....	26
3 A DINÂMICA DA COMUNIDADE.....	29
3.1 Cachoeirinha.....	29
3.2 Acesso à terra.....	31
3.3 Principais produtos cultivados.....	35
3.3.1 Horticultura.....	38
4 FAMÍLIA, DIVISÃO DO TRABALHO E ADMINISTRAÇÃO DA UNIDADE FAMILIAR.....	40
4.1 Família.....	40
4.2 Administração da unidade familiar.....	49
4.3 Trabalho.....	50
4.3.1 Trabalho de mulher e trabalho de homem.....	54
4.3.2 Rotina diária de trabalho da mulher.....	63
4.3.3 Rotina diária de trabalho do homem.....	65
4.3.4 Rotina diária das filhas adultas, adolescentes e crianças.....	66
4.3.5 Rotina diária dos filhos adultos, adolescentes e crianças.....	67
4.4 Investimentos ou gastos feitos pela mulher na unidade.....	70
4.5 Comercialização.....	73
4.6 Tomada de decisões.....	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS.....	86

RESUMO

SILVA, Maria Angélica Melo de Moura. As mulheres de Cachoeirinha: família, produção e gênero numa comunidade rural do sul mineiro. LAVRAS: UFLA, 2003. 91p. (Dissertação - Mestrado em Administração).¹

Este trabalho analisa as relações sociais de gênero, a valorização diferenciada do trabalho realizado por homens e mulheres, a divisão sexual do trabalho e a invisibilidade que cerca o trabalho das mulheres na agricultura familiar mineira. A metodologia da pesquisa baseou-se em uma abordagem qualitativa, através de estudo de caso na comunidade da Cachoeirinha, localizada a 8 km da cidade de Lavras/MG. Considerou-se a família como unidade de estudo. A coleta de dados ocorreu a partir da aplicação de questionários semi-estruturados, com roteiros de entrevistas pré-elaborados, além de observações e anotações em caderno de campo. Cachoeirinha é composta por agricultores familiares que em, sua maioria, são pessoas nascidas no próprio lugar e sempre moraram ali. Combinam atividades agrícolas e não agrícolas. As mulheres dedicam-se a trabalhos relacionados com a casa, agricultura, horticultura e pequenos animais. Elas reconhecem suas atividades domésticas como trabalho que não gera renda e como parte das obrigações; o trabalho junto com o marido na “roça” é considerado “ajuda”. Sua subordinação à família, maridos/filhos é explícita. Nessa comunidade rural, o poder patriarcal se sobressai, restringindo e subordinando a participação das mulheres.

¹ Orientador: Áureo Eduardo Magalhães Ribeiro – UFLA.

ABSTRACT

SILVA, Maria Angélica Melo de Moura. Woman of Cachoeirinha: family, production and gender in a community of Southern Minas. 2003. 91p. (Master in Administration) – Universidade Federal de Lavras, Lavras.¹

This work analyzes the social relationships of gender, the distinguished valorization of the work accomplished by men and women, the sexual division of labor and the invisibility which fences the labor of women in Minas' familiar farming. The methodology of the research was based on a qualitative approach through the case study in Cachoeirinha community situated 8 km away from the town of Lavras-MG. Family was regarded as a study unit. Data collection took place from the application of semi-structured questionnaires with pre-elaborated interviews, in addition to observations and notations in field notebook. Cachoeirinha is made up of familiar farmers who in their majority are persons born in the very place and who have always lived there. They combine agricultural and non-agricultural business together. Women dedicate to works related to house, farming, kitchen gardening and small animals. They recognize their house tasks as a non profit- generating labor and as a part of the female obligations. Their subordination to the family, husbands/children is explicit. In that rural community, patriarchal power stands out, restricting and subordinating the women participation.

¹ Guidance Committee: Áureo Eduardo Magalhães Ribeiro – UFLA (Adviser).

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é um tema que vem sendo objeto de estudo de pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento - historiadores, antropólogos, economistas e sociólogos - mostrando como essa relação de produção rural veio sofrendo alterações importantes devido à expansão capitalista na agricultura, principalmente nos últimos anos. A literatura também traz à tona a invisibilidade das contribuições econômicas das mulheres rurais, seu caráter auxiliar, e evidencia como laços familiares tornam-se mecanismos de reprodução hierárquica e de submissão entre os membros da família, principalmente as mulheres.

A mulher sempre esteve ocupada na produção de bens e serviços. Em todas as épocas e lugares tem contribuído para a subsistência de sua família e para a riqueza social. Seu trabalho já existia antes da revolução industrial, quando tecia, fiava e realizava outras tarefas domésticas. Dessa forma, enquanto a família existiu como unidade de produção, a mulher desempenhou um papel social e econômico de fundamental importância, constituiu-se em um elemento imprescindível na obtenção de recursos, isto é, de meios para satisfazer às necessidades e às aspirações da família.

À medida que a mulher se insere nas esferas produtivas (mercado), assume novos papéis e responsabilidades, que se agregam às suas funções tradicionais, como mães, gestoras de famílias, trabalhadoras da comunidade e produtoras de bens e serviços. Mesmo diante dessas circunstâncias, somente o trabalho destinado ao mercado tem sido valorizado e reconhecido em termos econômicos, não havendo recompensa adequada ou mesmo reconhecimento pela carga pesada de trabalho que a mulher desempenha.

As principais questões que este trabalho se propõe a explorar são o papel da mulher na esfera da reprodução social da família e a consideração do caráter “auxiliar” e considerado “ajuda” de seu trabalho produtivo. Essa caracterização das atribuições femininas baseia-se em aspectos da cultura patriarcal que, sustentada pela hierarquia de poder entre os sexos, impõe a superioridade do homem em relação à mulher.

1.1 Objetivos

Este trabalho propõe-se a analisar as relações sociais de gênero na comunidade rural de Cachoeirinha, buscando conhecer fatores que levam à valorização diferenciada do trabalho de mulheres e homens. Procura, também, dimensionar a participação do trabalho feminino na esfera produtiva e discutir a invisibilidade que cerca esse trabalho e gera situações de exclusão e subalternidade das mulheres dentro desse contexto.

Mais especificamente, buscou-se compreender gênero, suas interpretações e significados, bem como mostrar a divisão sexual do trabalho no interior da agricultura familiar.

1.2 Metodologia

Neste estudo foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa, que é reconhecida como adequada para o estudo de fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais. Na abordagem qualitativa, um fenômeno deve ser analisado em uma perspectiva integrada, considerando todos os pontos de vista relevantes (godoy, 1995).

Foi realizado um estudo de caso, que é um instrumento de pesquisa que tem como técnicas fundamentais a observação e a entrevista. Nele, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informações. Segundo Godoy (1995), o estudo de caso caracteriza-se como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente e visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular, e tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real. Seu propósito é analisar intensivamente, uma dada unidade social, podendo optar-se pelo estudo de situações típicas (similares a muitas outras do mesmo tipo) ou não usuais, (em casos excepcionais).

A família foi a unidade de estudo considerada nesta pesquisa, e as famílias encontradas na comunidade pesquisada são aquelas compostas de marido, esposa e filhos. Outras, em um menor número, são compostas de marido, esposa, filhos, avós e irmãos, todos morando na mesma unidade familiar de produção, mas ocupando habitações separadas e economicamente independentes, subsistindo do trabalho ou da ocupação do marido e da esposa, quando esta trabalha. É na família que se tomam as decisões sobre trabalho, produção, consumo e despesas, existe divisão de trabalho baseada no sexo e o casamento é uma instituição socialmente reconhecida.

Para o trabalho de campo que, segundo Minayo (1994, p. 53), é o *“recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, na realidade empírica a ser estudada”*, foram realizadas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com trinta e uma mulheres rurais da comunidade e dez homens, além de observações *“in loco”* e anotações no caderno de campo.

Para analisar essas relações sociais de gênero no meio rural, e a valorização diferente do trabalho de mulheres e homens que gera hierarquia entre os gêneros, foi realizado um estudo na comunidade da Cachoeirinha, que fica a 8 quilômetros da sede do município de Lavras, onde residem cerca de 40 famílias.

Cachoeirinha foi escolhida para esta pesquisa primeiro por ser uma comunidade composta por agricultores familiares, e segundo por um motivo de ordem prática, a proximidade, já que fica perto da sede do município de Lavras, facilitando o deslocamento e permitindo acesso ao local diariamente e quantas vezes fossem necessárias.

O roteiro das entrevistas considerou os objetivos da pesquisa, possibilitando o levantamento de informações diversas sobre a família da mulher entrevistada, como composição e idade dos membros da família, estado civil, escolaridade, profissão, atividades, rotina e horas diárias de trabalho, se recebe remuneração pelo trabalho desenvolvido, quais pessoas da família trabalham na terra e, ao mesmo tempo, em outras atividades no meio rural ou na cidade, as principais atividades das pessoas do domicílio, entre outras.

O primeiro contato com a área de pesquisa ocorreu por intermédio do professor orientador, que conhecia uma das famílias. Esse encontro aconteceu em março de 2003, quando a comunidade foi visitada e duas famílias foram conhecidas, a indicada pelo orientador e uma outra que era conhecida de um funcionário da UFLA. O segundo contato foi feito através do técnico da EMATER, em abril de 2003, que conduziu a pesquisadora à Escola Municipal que fica no Paiol, é freqüentada pelas crianças da Cachoeirinha, e está fechada há algum tempo.

Graças à ajuda de um dos funcionários da Escola, morador da Cachoeirinha, conheceram-se algumas das mães que buscavam seus filhos e,

também, por seu intermédio, um adolescente que acompanhou a pesquisadora nas demais visitas e forneceu os nomes de todas as famílias da Cachoeirinha. Acompanhada deste jovem, neto de um agricultor muito conhecido por todos na comunidade, a entrada e aceitação da pesquisadora tornou-se fácil.

O roteiro de entrevistas foi bastante amplo, com perguntas abertas e fechadas, para coletas de informações qualitativas e quantitativas. O questionário foi pré-testado duas vezes e, depois de aprovado, foi aplicado às 31 mulheres rurais da Cachoeirinha. Na primeira etapa da pesquisa as entrevistas eram feitas só com as mulheres, mas geralmente as conversas envolviam todos: maridos, filhas, rapazes, crianças e idosos.

O fato de terem sido escolhidas apenas famílias de agricultores familiares deveu-se à sua importância no cenário brasileiro em vários aspectos, como a capacidade de gerar emprego, renda, produção de alimentos para o consumo interno e externo, redução do êxodo rural e conflitos sociais, fazendo deste tema assunto de muitos estudos e discussões nos últimos anos. Neste estudo considerou-se agricultura familiar os estabelecimentos familiares que preenchiam às seguintes condições: a) a direção dos trabalhos do estabelecimento eram exercidas pelo produtor; b) a quantidade de trabalho familiar era superior à do trabalho contratado; c) que o estabelecimento não utilizasse mão-de-obra assalariada permanente (INCRA/FAO, 2000).

Foram excluídas das entrevistas as agricultoras patronais, as moradoras de finais de semana e as assalariadas agrícolas. A agricultura patronal caracteriza-se pelo predomínio do trabalho assalariado, por apresentar uma completa separação entre gestão e trabalho; sua organização tem ênfase na especialização e práticas, agrícolas padronizadas. Considerando que o objeto deste estudo, é a família, preferiu-se não estudar essa categoria. Outra categoria que deixou-se de fora foram as assalariadas agrícolas, pois mesmo morando

numa unidade de produção, recebem um salário fixo pelos trabalhos desenvolvidos, ou seja, elas não tiram o seu sustento ou parte dele da terra.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira aplicou-se questionário estruturado às 31 agricultoras da comunidade, através do qual procurou-se obter conhecimentos mais gerais da comunidade, como número de famílias do local, principais atividades desenvolvidas, comercialização, informações a respeito da área explorada, condição e uso da terra, atividades agrícolas e não agrícolas, formas de utilização de mão-de-obra e principais fontes de renda.

Na segunda etapa da pesquisa foram feitas entrevistas semi-estruturadas, numa amostra estratificada aleatória, a 15 mulheres escolhidas por idade, escolaridade, tamanho da terra e da família. Houve explicações a respeito do tema, buscando-se mais conhecimento a respeito da família, de trabalhos desenvolvidos por mulheres e homens, sua participação no orçamento familiar, nas atividades domésticas e produtivas, nas decisões da unidade de produção e sobre a importância do estudo para a família. Procurou-se aprofundar nos dois questionários, a percepção da mulher sobre trabalho. Na primeira etapa, quando a elas foi perguntado se trabalhavam, só as mulheres que trabalhavam ganhando salário responderam que sim. Na Segunda, quando a indagação foi sobre o que elas entendiam por trabalho, a maioria das entrevistadas respondeu que trabalho, eram todas as atividades domésticas desenvolvidas por ela na unidade familiar, valorizando suas atividades e tornando-as visíveis.

Como este estudo diz respeito a relações de gênero na agricultura familiar, e gênero é relacional, entrevistaram-se também 10 homens. As entrevistas eram feitas de acordo com a disponibilidade de cada homem que estivesse no domicílio naquele momento e que tivesse interesse em participar. As perguntas eram as mesmas feitas para as mulheres.

Ao chegar à unidade de produção para fazer a entrevista, a pesquisadora apresentava-se como estudante da UFLA, dizia sua procedência, explicava o objetivo da pesquisa, e pedia de 20 a 30 minutos do tempo da mulher rural para responder ao questionário. Foi muito bem recebida em todos os lugares que visitou, em nenhum momento houve má vontade por parte de alguma mulher em responder o questionário, muito pelo contrário, elas se mostravam bastante interessadas; muitas desligavam a televisão ou o aparelho de som, mostrando total interesse na entrevista, e sempre ofereciam almoço, merenda e convidavam a pesquisadora para voltar novamente para conversar com mais calma.

As entrevistas geralmente eram feitas na cozinha, pois começava-se no período da tarde, justamente no horário em que elas estavam arrumando a cozinha. Outras faziam questão de que fosse na sala, pois era mais confortável, e houve casos em que as entrevistas foram concedidas no momento em que as mulheres lavavam roupa numa área próxima da cozinha.

Se os maridos estavam presentes, sempre queriam responder pelas esposas, principalmente quando se perguntava quem administrava a unidade familiar de produção; ela respondia que era o marido e este respondia que eram os dois. Um outro fato interessante era: quando se perguntava à mulher sobre a quantidade de horas trabalhadas por dia na unidade familiar e a resposta era de 8 a 12 horas diárias, os maridos riam, ou faziam perguntas do tipo “tudo isso”?

A maior dificuldade encontrada para desenvolver a pesquisa foi o fato de toda a comunidade ter sido visitada a pé, pois não se dispunha de transporte; e como não era possível marcar a visita antecipadamente, a pesquisadora teve que fazer o percurso várias vezes, pois muitas vezes a agricultora não estava em casa. Não havia como marcar. Além disso, a entrevista não podia demorar, devido ao horário de retorno do ônibus, que saía da comunidade do Funil às

17:00 horas, o que obrigava a pesquisadora a parar mais cedo, limitando-se a um número pequeno de entrevistas diárias.

No final da tarde, a pesquisadora anotava no caderno de campo todas as impressões, observações, respostas dadas às perguntas que tinham sido feitas a outros membros da família que estavam presentes na hora da entrevista, indagações e conversas informais.

2 A MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR

As mulheres camponesas sempre foram trabalhadoras e exploradas duplamente, por serem mulheres e do campo. mesmo sendo invisíveis nas estatísticas, como uma “extensão” dos homens do campo; exercem trabalho considerado complementar e, portanto, sem remuneração, já que seu trabalho é ignorado (Costa, 2003). Segundo a autora, desde 1940 as trabalhadoras rurais começaram a aparecer nas estatísticas como “mulheres do produtor”, e não levando em consideração a dura labuta dos trabalhos da terra que também realizam. Após a década de 1940 cresceu a inserção da força de trabalho feminina no mercado de trabalho, havendo uma diversificação do tipo de ocupações assumidas pelas mulheres. No Brasil, só a partir dos anos 70 a mulher passou a ingressar de forma mais acentuada no mercado de trabalho (Costa, 2003).

Apesar de haver uma forte resistência observada em todos os campos, as mulheres estão em crescente processo de inserção no mercado de trabalho, e nesse processo de inclusão existem várias estratégias e possibilidades, que vão desde a informalidade até o trabalho formal mais tradicional. A crescente participação da mulher tem sido analisada por vários estudiosos, tem sido documentada e discutida, mas está demorando a se transformar em tema de discussão e implementação de políticas públicas específicas. Para Duarte & Salviano (2002), isto significa dizer que as decisões que marcam a esfera política geralmente não levam em consideração essas informações. Vale ressaltar que esse avanço das mulheres na esfera de inclusão do mercado de trabalho tem sido evidenciado mais no setor urbano. As conquistas específicas ao setor rural ainda são precárias. Para as autoras, no que se refere às atividades agrícolas, ainda é clara a divisão sexual do trabalho nos moldes tradicionais,

baseada na concepção de que as mulheres possuem atributos naturais diferenciados dos homens e, portanto, têm aptidões diferenciadas destes.

No século XX as mulheres começaram uma luta organizada em defesa de seus direitos, contra a forma de opressão a que eram submetidas. Essa luta foi chamada de feminismo, e a organização das mulheres em prol de melhoria na infra-estrutura social ficou conhecida como movimento de mulheres. A luta feminina é uma busca de construir novos valores sociais, nova cultura, é uma luta pela democracia que deve nascer da igualdade entre homens e mulheres (Costa, 2003).

A mulher, na agricultura, via de regra é utilizada como

“exército de reserva: quando há necessidade de braços para as tarefas consideradas produtivas, é requisitada; quando a mão-de-obra masculina é suficiente para suprir essa necessidade, ela se dedica aos afazeres domésticos, retornando ao mundo reservado às mulheres”
(Duarte & Salviano, 2002).

Para as mulheres camponesas, o cuidado com a casa esconde o trabalho na roça, a produção do artesanato, o cultivo da horta e a criação de animais, trabalho que produz mercadorias e cuja renda contribui para o sustento da família.

No Nordeste, a plantação açucareira e a pequena produção familiar serviram como fontes para importantes reflexões sobre a complementariedade existente entre os diferentes grupos familiares na geração de renda e de seu orçamento (Heredia, 1979; Garcia Junior, 1983).

Ao estudar as relações sociais dentro das unidades domésticas de pequenos produtores, Heredia et al. (1984) procuraram identificar o lugar que a mulher ocupa nos espaços, casa e roçado, contribuindo de forma expressiva para estudos direcionados a essa área de pesquisa.

O trabalho da mulher em várias fases da produção é visto como “ajuda”. Heredia (1979), em um estudo realizado na região nordestina, mostra que, mesmo quando o homem estava doente, impossibilitado de realizar o seu trabalho na lavoura e este era desenvolvido pela mulher, ainda assim aquele trabalho era contabilizado como do homem; a mulher prestara apenas uma “ajuda”. Esta parece ser uma questão cultural presente em muitos outros grupos estudados.

São também muito significativas para a investigação do trabalho feminino no meio rural, as análises feitas por Paulilo (1987) sobre os vários tipos de trabalhos agrícolas, caracterizados como “trabalho leve”, que representam apenas uma “ajuda”: é o trabalho desempenhado pelas mulheres, em oposição ao trabalho “pesado” dos homens. Ao estudar os trabalhos agrícolas no sertão e no brejo paraibano e na cultura de fumo de Santa Catarina, a autora constata que as trabalhadoras rurais recebem remuneração inferior à do homem, pois o valor da diária é determinado pelo sexo e idade e não pelo número de horas trabalhadas. Constatou-se também que essas atribuições variam de região para região, o que é denominado de “leve” em uma região, é considerado “pesado” em outra, ou seja, o que caracteriza o trabalho de “leve” ou “pesado” não é a força física necessária para executá-lo, e sim quem o realiza. Se realizado por mulheres e crianças é considerado “leve”, e se realizado por homens, “pesado”. A remuneração também é diferenciada, sendo maior para os trabalhos “pesados”, realizados pelos homens, e menor para o trabalho “leve”, realizado pelas mulheres (Paulilo, 1987).

A exploração familiar é dotada de uma racionalidade própria que permite o desenvolvimento de estratégias de produção que ordena os cultivos de modo a uniformizar o emprego da força de trabalho ao longo do ano, haja vista o caráter sazonal da agricultura, a influência dos fatores climáticos e suas necessidades de consumo, a necessidade de mão-de-obra na lida com a terra. Todos esses fatores garantem à unidade familiar a capacidade de enfrentar e superar crises.

2.1 Agricultura familiar

A agricultura familiar e as relações de gênero são o objeto deste estudo, e são vários os autores que buscam analisá-lo. Não existe um consenso entre os estudiosos da questão agrária a respeito deste termo, mas existem alguns pontos comuns que destacam que agricultura familiar é aquela que tem como base social a família, o que é uma idéia genérica, apresentando formas particulares e variadas. Na tentativa de agrupar esses agricultores, várias interpretações foram formuladas.

Dentre os estudiosos dessa questão, cita-se Chayanov (1974), que realizou intensa atividade de pesquisa sobre o campesinato russo na primeira metade do século XX, sendo um dos autores que mais se aprofundaram na compreensão dos processos internos de funcionamento das unidades de produção na agricultura. Este autor construiu uma teoria caracterizando esta unidade de produção como tendo uma lógica econômica própria, diferenciada do comportamento das empresas capitalistas. Para ele, esta unidade que trabalha para si mesma tem motivação diferente de uma empresa organizada na força de trabalho contratada. A composição familiar define, antes de tudo, os limites máximo e mínimo do volume de suas atividades econômicas: “a força de trabalho da unidade de exploração doméstica está totalmente determinada pela disponibilidade de seus membros capacitados na família” (Chayanov, 1974, p.

47). É, portanto, portadora de uma estrutura econômica distinta das empresas capitalistas, advindo daí, a necessidade de considerá-la como um sistema econômico próprio.

O entendimento da unidade de produção agrícola familiar, exige inevitavelmente a compreensão da forma de organização que está sendo baseada no trabalho familiar e a relação construída com a terra, os meios de produção e a família. Chayanov (1974) percebeu o camponês como aquele que não contrata força de trabalho exterior, que detém a posse de uma certa extensão de terra e seus próprios meios de produção, e que, às vezes, se vê obrigado, para sua continuação, a empregar parte de sua força de trabalho em outras atividades externas à propriedade. O agricultor familiar se constitui, essencialmente, em um produtor que trabalha conjuntamente com a família; seu trabalho está restrito à família, à terra e à direção dos meios para produzir

É necessário fazer uma distinção entre a figura do agricultor familiar e a figura do camponês a fim de que os dois não sejam confundidos. Para Abramovay (1992), embora toda a produção camponesa seja familiar, nem toda produção familiar é camponesa e a diferença essencial entre o camponês, e o agricultor familiar contemporâneo pode ser encontrada na sua relação com o mercado. Para este autor, a produção familiar está mais integrada ao mercado, ou destina sua produção quase que exclusivamente para a comercialização, enquanto a produção camponesa comercializa apenas o excedente.

Para Lamarche (1993), o modo de funcionamento do estabelecimento agrícola pode ser determinado por laços específicos entre lógicas familiares e fatores de dependência. As lógicas familiares se referem ao papel da família na organização da produção. Para medir o grau de intensidade dessas lógicas, o autor utiliza três elementos: a terra, o trabalho e a reprodução familiar. Por outro lado, para medir o grau de dependência/autonomia da organização da produção

agrícola, ele elegeu a dependência tecnológica, financeira e de mercado. A caracterização da agricultura familiar como unidade de produção específica, significa ter simultaneamente o controle dos meios de produção (terra, mão-de-obra, instrumentos de trabalho, etc.) e a responsabilidade própria da realização do processo de trabalho. Segundo Lamarche, agricultura familiar “corresponde à unidade de produção agrícola em que a propriedade e o trabalho estão intimamente ligados à família” (Lamarche, 1993, p. 15).

A agricultura familiar precisa ser compreendida social e economicamente, pois tem sua racionalidade própria, o que lhe dá sustentação, e sua especificidade precisa ser levada em conta no momento da abordagem e implementação de políticas públicas que busquem o desenvolvimento agrícola.

Como na agricultura familiar os fatores como trabalho, terra e consumo guardam relações estreitas com a família, torna-se necessário conceituar a categoria social família. Esta não é uma tarefa fácil, em face da elasticidade do conceito. É a partir do estudo da família e da produção que este trabalho será organizado, com a intenção de verificar as distinções entre as tarefas masculinas e femininas no meio rural, examinar as relações de gênero na família e na produção, levando em conta a conceituação de gênero como uma interpretação cultural das diferenças biológicas entre homem e mulher.

Para a antropologia, a família é conceituada como um “grupo de indivíduos ligados por elos de sangue, adoção ou aliança socialmente reconhecidos e organizados em núcleos de reprodução social. É um grupo de procriação e de consumo, lugar privilegiado onde incide a divisão sexual do trabalho, em função da qual determina-se o grau de autonomia ou subordinação das mulheres” (Bruschini, 1998, p. 12).

A ideologia da agricultura familiar entende que o chefe da família (o pai), é a pessoa que possui as condições ideais para participar de todo o processo

de trabalho; na ausência do pai, o filho ou outro membro da família, maior de idade e não sendo do sexo feminino, estará habilitado para assumir o seu lugar (Woortman, 1995). Esse modelo se enquadra na definição de família formulada por Chayanov. Para ele, a família é um conjunto de produtores e de consumidores centrados num casal e seus filhos, aos quais se podem agregar outros membros; ela seria um grupo doméstico hierarquizado economicamente a partir de valores culturais.

Lévi-Strauss, ao estudar grupos sociais em regiões e épocas diferentes, afirma que não há uma lei que possa definir família de um modo universal, o que seria uma forma muito simples para entender o conceito, pois ela ocorre em toda parte e de formas distintas. Porém, o autor define família como um grupo social possuidor de três características:

“tem sua origem no casamento; é constituída pelo marido, esposa e filhos provenientes de sua união, conquanto seja lícito conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao núcleo do grupo; os membros da família estão unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie, e por um entrelaçamento definido de direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie, e pôr um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais, e uma quantidade diversificada de sentimentos psicológicos” (Lévi-Strauss, [197-], p.7).

De modo geral, a agricultura familiar tem sido responsável pela produção de alimentos no Brasil. Mesmo assim, ela sempre ficou em segundo plano nas políticas agrícolas da sociedade brasileira. As dificuldades encontradas pelos agricultores familiares, principalmente aqueles que cultivam para o

mínimo (Garcia Júnior, 1989), têm dificultado o seu estabelecimento econômico. As políticas têm dificultado o acesso a técnicas agrícolas modernas e ao crédito bancário, dentre outros. Esses fatores impedem e restringem a integração desses agricultores ao mercado e, conseqüentemente, a uma vida melhor.

Historicamente, as unidades de produção agrícola no Brasil nunca foram homogêneas. O processo de modernização da agricultura, decorrente do desenvolvimento adotado no país, buscou o crescimento econômico acelerado a fim de consolidar o capitalismo, garantindo os interesses das grandes corporações. Essas transformações, que ocorreram a partir de meados dos anos 60, aconteceram na base técnica de produção agrícola por meio da mecanização rural e da utilização de insumos biológicos e químicos associados aos Complexos Agroindustriais. Esse processo foi promovido por políticas de financiamentos, políticas tecnológicas e fundiárias, implementadas pelo Estado, em acordo com o capital industrial e as oligarquias rurais (Kageyama, 1990; Delgado, 1995).

A heterogeneidade social aumentou, produzindo uma diferenciação acentuada entre essas unidades. As unidades de produção agrícolas são exploradas por grupos heterogêneos de produtores rurais e, de acordo com estudo realizado pela Guanzioli & Cardim (2000), os produtores rurais podem ser tipificados em dois grupos principais: o patronal e o familiar. Estes tipos possuem características diferenciadas quanto à cultura, ao tamanho da área explorada, à direção e execução do processo produtivo e utilização do trabalho assalariado.

A agricultura patronal utiliza de modo regular o trabalho assalariado, gerando acumulação por meio da expropriação de excedentes. Segundo Carmo (2003), a agricultura patronal se caracteriza por apresentar uma completa

separação entre gestão e trabalho, organização centralizada com ênfase na especialização e práticas agrícolas padronizadas, com predominância do trabalho assalariado, dentre outras características. A produção patronal integra-se diretamente ao modelo agroindustrial do país.

A agricultura familiar representa cerca de 80% dos estabelecimentos rurais brasileiros e, nos últimos anos, tem sido o centro das atenções dos pesquisadores, do movimento sindical e de organismos internacionais envolvidos com a questão. O governo tem dado um pouco mais de atenção, assentando um maior número de agricultores pela reforma agrária e criando programas como o PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, e o BNAF – Banco Nacional da Agricultura Familiar (Nobre, 1998).

Ainda, segundo a mesma autora, a agricultura familiar é caracterizada pelo não-assalariamento da maior parte de sua força de trabalho, em que a unidade produtiva é constituída pela família. Nessa forma de organização, o trabalho é distribuído entre os membros da família. Os homens, mulheres e crianças participam ativamente de todo o processo produtivo. O nível de exploração da unidade familiar depende do tamanho da família e do objetivo do trabalho na unidade de produção familiar, que é atender às necessidades de subsistência da família sendo que o excedente pode ser comercializado no mercado.

Portanto, uma das principais características da produção familiar, segundo a posição de vários autores, é a utilização da mão-de-obra da família no processo produtivo; é o fato de o objetivo da produção destinar-se primeiramente à reprodução da família. O gerenciamento da produção é feito pelo chefe da família e as unidades de produção familiares se caracterizam em geral pela pequena extensão de terra. Existem outros aspectos importantes para

se caracterizar a produção familiar, que são destacados por vários estudiosos do assunto, dentre eles a escala de produção da unidade familiar, que geralmente é reduzida; o número de trabalhadores, que geralmente é determinado pelo tamanho da família; o produtor ou chefe da família, que trabalha diretamente na produção; e a produção, que visa a reprodução familiar e não o lucro (Kautsky, 1968; Heredia, 1979; Abramovay, 1998).

Um dos estudos mais recentes, realizados com o objetivo de fornecer mais elementos sobre a situação da agricultura familiar no Brasil, “O Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO”, contou com a participação de técnicos do INCRA – Instituto Nacional da de Reforma Agrária, e da FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação. Em conjunto, estas organizações realizaram um estudo com base nos dados do Censo Agropecuário do IBGE – Instituto Nacional de Geografia e Estatística de 1995/96. Nesse estudo foram considerados aqueles estabelecimentos familiares que preenchem as seguintes condições:

- a) a direção dos trabalhos do estabelecimento era exercida pelo produtor;
- b) a quantidade de trabalho familiar era superior ao trabalho contratado;
- c) que o estabelecimento não utilizasse mão-de-obra permanente.

Tomando como base esses critérios, constatou-se que dos 4.859.864 estabelecimentos rurais existentes no Brasil, 4.139.369 são estabelecimentos familiares. Estes ocupam uma área de 107,8 milhões de hectares sendo responsáveis por R\$ 18,1 bilhões do Valor Bruto da Produção Total e recebendo apenas parte reduzida de financiamento rural. Os agricultores familiares representam 85,2% do total de estabelecimentos, ocupam 30,5% da área total e são responsáveis por 37,9% do Valor Bruto da Produção (VPB) Agropecuária Nacional, recebendo apenas 25,3% do financiamento destinado à agricultura.

Os dados demonstram a importância da agricultura familiar nas regiões Norte e Sul, nas quais mais de 50,0% do VPB é produzido nos estabelecimentos familiares. A região Sul é mais representativa em termos de agricultura familiar, representada por 90,5% de todos os estabelecimentos da região ou 907.635 agricultores familiares, ocupando 43,8% da área e produzindo 57,1% do VPB regional Guanziroli & Cardim (2000).

O Nordeste é a região que apresenta o maior número de agricultores familiares, representados por 2.055.157 estabelecimentos (88,3%), os quais ocupam 43,5% da área regional e produzem 43,0% de todo o VPB da região. Quando se faz uma análise dos dados das cinco regiões brasileiras, o Nordeste desponta com o maior percentual de estabelecimentos familiares, sendo responsável por 49,7% de todos os estabelecimentos familiares brasileiros, ocupando apenas 31,6% da área total dos familiares e 16,7% do VPB dos agricultores familiares.

Os dados apresentados pelo Guanziroli & Cardim (2000) confirmam vários trabalhos que demonstram a importância da agricultura familiar como principal responsável pela manutenção de mão-de-obra no campo sendo, a principal geradora de postos de trabalho no meio rural brasileiro, e dispendo de apenas de 30,0% da área total, a agricultura familiar é responsável por 76,9% do pessoal ocupado. Dos 17,3 milhões de pessoas ocupadas com a agricultura familiar e do total de empregados permanentes do Brasil, a agricultura familiar é responsável pela contratação de 16,8% (308.097), concentrando seu trabalho entre os membros da família. Do total de trabalhadores na agricultura familiar, apenas 4,0% são contratados, sendo todo o restante do trabalho desenvolvido por membros da família (Guanziroli & Cardim, 2000).

A agricultura familiar também demonstra sua importância quanto ao percentual do VPB produzido quando se consideram algumas atividades, como a

participação no valor da produção de produtos da cesta básica, produtos destinados ao mercado interno e produtos de exportação. Os agricultores familiares produzem 24,0% do VPB total da pecuária de corte, 52,0% da pecuária de leite, 58,0% dos suínos e 40,0% das aves e ovos produzidos. Em relação a algumas culturas temporárias e permanentes, a agricultura familiar produz 33,0% do algodão, 31,0% do arroz, 72,0% da cebola, 67,0% do feijão, 97,0% do fumo, 84,0% da mandioca, 49,0% do milho, 32,0% da soja, 46,0% da banana, 27,0% da laranja 47,0% da uva, 25,0% do café e 10,0% do VPB da cana-de-açúcar.

Essas reflexões revelam a importância da produção familiar como geradora de emprego, renda e alimentos, necessários para manter a estabilidade social e econômica do país.

Os dados estatísticos apresentados pelo Guanzioli & Cardim (2000) mostram um que a agricultura familiar se destaca social e economicamente no quadro nacional, seja quando se considera o número de estabelecimentos, o pessoal total ocupado, o valor da produção total, ou como base de um modelo alternativo para o meio rural, capaz de reduzir a pobreza e as disparidades de renda.

Por fim, a grande capacidade da agricultura familiar é de gerar mão-de-obra, sendo uma alternativa socialmente desejada, economicamente produtiva e politicamente correta para atacar grande parte dos problemas urbanos decorrentes do desemprego rural e da migração descontrolada na direção campo cidade.

Na concepção de Veiga (2001) o mundo rural está se transformando e adquirindo múltiplos significados. Nas últimas décadas tem se constatado um declínio das atividades agrícolas na economia e na ocupação de mão-de-obra. No entanto a agricultura familiar é a maior responsável pelas ocupações e

atividades agropecuárias mais diversificadas, e ao mesmo tempo são cada vez maiores as oportunidades de emprego em atividades não agrícolas. Esta heterogeneidade de atividades e opções de ocupação e renda não agrícola tem contribuído para que a população rural tenha maior estabilidade econômica e social.

“Os estabelecimentos agrícolas nos quais o núcleo familiar constitui uma pequena empresa, são geralmente informais. Eles são férteis mananciais de habilidades empreendedoras e estimuladoras de uma fortíssima ética de trabalho. Muitas das pequenas empresas comerciais, artesanato, ou proto-industriais que mais diversificam as economias locais germinam nesse tipo de organização. Além disso, uma necessidade objetiva incita essas famílias a também exercerem atividades externas à agropecuária, fazendo-as “pluriativas”, no jargão dos especialistas” (Veiga, 2001, p. 14).

A pluriatividade, ou procura pelas famílias rurais de outras atividades fora da agricultura, adquire novas dimensões no meio rural, que passa a ser visto não apenas como o lugar da produção agrícola, mas também como um espaço diferenciado para outros projetos capaz de oferecer à população urbana diversas atividades na área de turismo, artesanato, pesca e comércio, dentre outras (Graziano da Silva, 1997).

2.2 Gênero

O conceito de gênero foi usado inicialmente pela antropologia e pela psicanálise, situando a construção das relações de gênero na definição das

identidades feminina e masculina, como base para a existência de papéis sociais distintos e hierárquicos (Faria, 1997).

Gênero é um conceito construído socialmente que busca compreender as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres, os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles. O conceito expressa um entendimento: as diferenças são socialmente construídas. Isso significa que homens e mulheres são “moldados pela sociedade, o ser homem e o ser mulher correspondem a papéis sociais estabelecidos: masculino e feminino” (DESER/CMTR/PR 1996, p.12). Gênero é um conceito que vê um em relação ao outro, ou seja, os papéis sociais masculino e feminino não existem isolados, ou seja, um é construído na relação com o outro.

Segundo Faria (1997), o conceito de gênero considera, ainda, que na sociedade atual as relações entre homens e mulheres não são de igualdade: são relações de hierarquia e de poder dos homens sobre as mulheres. Isto não significa que as relações de gênero ultrapassam o conjunto das relações sociais. O mundo do trabalho, da política, da cultura se organizam também conforme a inserção de homens e mulheres, a partir de seus papéis masculinos e femininos. Ou seja, as relações de gênero ultrapassam todas as realidades e questões.

Uma análise das relações de gênero parte da premissa de que a divisão de trabalho e as relações entre homens e mulheres não são construídas em função de suas características biológicas, senão de um produto social que legitima as relações de poder dentro de um processo histórico que pode ser transformado. Portanto, gênero é uma categoria social que permite analisar papéis, responsabilidades, limitações e oportunidades, que se dão de forma diferente para homens e mulheres no interior da unidade de produção, da família, da comunidade e da sociedade.

Woortmann (1995) estudou a agricultura familiar utilizando o conceito de gênero como instrumento de análise sobre as relações de parentesco entre colonos de origem alemã no Sul do Brasil e sítiantes do Nordeste. A autora destaca a hierarquia de gênero não só na produção agrícola, mas também na sexualidade, na posição na comunidade e na família. A autora chega à conclusão de que o papel da mulher na produção não seria o determinante para redefinição da sua posição na família ou na sociedade, mas sim a ideologia que cimenta as relações de hierarquia entre os gêneros. Ela faz uma interpretação que não se restringe exclusivamente ao aspecto econômico da desigualdade entre homens e mulheres

“o fundamental é ter sempre presente as mulheres como sujeitos que, pôr sua ação política, definem quais questões adquirem formas estratégicas para mudar as relações de gênero”(Woortmann, 1995, p.23).

Portanto, não se pode entender a agricultura familiar sem perceber as relações de gênero em seu interior. É preciso entendê-la melhor, não só por suas características, como tamanho, produção, presença ou não de empregados e classificação em grupos. Ela ainda é vista como um setor da economia ou no máximo, enquanto função social com potencial para conter o êxodo rural (Nobre, 1998). Não se pode entender a agricultura familiar sem perceber que é um trabalho realizado por gente, e que essa gente é composta por homens e mulheres, de diferentes idades e sexos, e que essas pessoas têm formas diferentes de perceber a vida, anseios diferentes e sonhos diferentes. Nem sempre o que é bom para o chefe da família (pai, marido) é do interesse de todos (mulheres, filhas e filhos).

Pesquisar a perspectiva de gênero significa olhar o interior da agricultura familiar com novos olhos. Olhos que possam enxergar as pessoas, homens e mulheres, que fazem a história de uma sociedade. E nessa visão, possam procurar como superar as desigualdades, entre elas a desigualdade entre homens e mulheres (DESER/CEMTR, 1996).

A análise de gênero chama a atenção para certas discussões, como divisão do trabalho, divisão do poder, relações entre os papéis produtivos e reprodutivos das mulheres, e a discussão do reconhecimento de que as diferenças biológicas entre homens e mulheres são usadas como justificativa para a discriminação das mulheres (Instituto..., 1995).

A diferença sexual é usada para, arbitrariamente, limitar a autonomia feminina e suas atividades econômicas. Essas relações sociais, que dividem os sexos, propiciam diferentes oportunidades para homens e mulheres. A sociedade é estruturada de tal maneira que a experiência das mulheres é permeada de desvantagens (Instituto..., 1995).

2.3 Divisão sexual do trabalho

O desenvolvimento da agricultura familiar, a partir de uma abordagem de gênero, tem um importante significado político, econômico e social, uma vez que este tipo de produção incorpora, do ponto de vista estrutural, o trabalho de homens e mulheres. Todavia, partindo desta perspectiva, é necessário levar em conta que a condição de “membro não remunerado da família expressa” desigualdade de gênero.

O que tem sido tradicionalmente denominado de divisão sexual do trabalho corresponde, na emergente linguagem de gênero, à divisão do trabalho

por gênero. Essa análise não enfoca apenas a questão de quem faz e por quanto, mas como as tarefas são atribuídas e como os recursos são distribuídos.

Quanto à divisão sexual do trabalho, na agricultura familiar, como já foi exposto anteriormente, a mulher participa na esfera reprodutiva e o homem, na esfera produtiva. A mulher é considerada responsável pelo trabalho reprodutivo, a procriação, o cuidado com os filhos, os trabalhos domésticos, o cuidado da horta, e o cuidado da criação de pequenos animais, entre outros. O homem é responsabilizado pelo trabalho produtivo, a agricultura, a pecuária, a comercialização e outras atividades.

Estudos mais recentes sobre a divisão sexual do trabalho no âmbito da agricultura demonstram que, apesar dos avanços e das conquistas, as mulheres ainda permanecem desenvolvendo tarefas que são tipicamente subordinadas aos pólos de poder exercidos pelos homens uma vez que há enormes dificuldades, seja no nível das representações quanto no das práticas sociais, para romper com a divisão sexual do trabalho tradicional (Duarte & Salviano, 2002).

O sustento da família é obtido por meio do trabalho de seus membros, homens, mulheres e crianças, referente à produção dentro e fora do lar. Assim, a terra obtida por herança, comprada ou cedida, é considerada como o lugar da produção agrícola, liderada pelo pai, “ajudado” pela mulher e pelos filhos. A casa é o espaço do consumo e das produções doméstica e caseiras, centradas na dona de casa e que, normalmente, são consideradas como “não trabalho” pelo fato de não envolverem nem produção de bens nem transação monetária.

Embora o uso dos produtos da colheita para sustento da família seja tradicionalmente considerado de responsabilidade do homem/pai, que trabalhou e supervisionou a produção, a mulher participa desta responsabilidade executando, dentre as atividades agrícolas, algumas tarefas como semeadura, limpeza dos cultivos e criação de animais no terreiro (Heredia et al., 1984).

Muitas vezes o dinheiro é obtido por meio da venda de produção caseira e da realização de outras atividades fora da unidade de produção familiar, para a compra de produtos que não se obtêm no roçado, tais como utensílios de cozinha e roupas, entre outros. Mesmo assim, as atividades femininas têm sido consideradas como economicamente invisíveis, o que subestima a contribuição das mulheres na família e na sociedade.

Enquanto a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres se modifica de acordo com a cultura, o trabalho das mulheres continua recebendo menor remuneração ou não tem qualquer remuneração, sendo menos valorizado que o dos homens.

Outro estudo sobre o assunto é o de Moura (1978). Segundo essa autora, separa-se o trabalho feminino do trabalho masculino de forma radical. Ambos são denominados “trabalho”, existindo portanto um “trabalho de casa” e um “trabalho da roça”. As lides domésticas são sempre “trabalho de casa” e podem vir a ser especificadas como “ajuda”, adotando caráter complementar, dominado, que este possui em relação ao “trabalho na roça”, o inverso não sendo possível. Entretanto, mesmo aí se mostra a ligação entre a “roça” e a “casa”, nivelando sua importância, devido à sua inevitável interdependência.

2.4 A invisibilidade do trabalho da mulher na agricultura

Abramovay & Silva (1998), ao escreverem sobre as relações de gênero na Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (CONTAG), constatam o fortalecimento do movimento das trabalhadoras rurais na CONTAG e apresentam alguns dados sobre essas trabalhadoras brasileiras e algumas informações sobre agricultura familiar do ponto de vista de gênero.

Assim, as autoras destacam que no Brasil, o trabalho produtivo no âmbito da agricultura familiar é também subestimado, partindo-se do mesmo pressuposto de que a atividade principal da mulher é a doméstica. Existe uma certa dificuldade em determinar as diferenças entre produção e reprodução quando se fala de trabalhadora rural, na medida em que o processo reprodutivo inclui tarefas produtivas, tais como o próprio trabalho agrícola, adubação, colheita e capinação (Abramovay & Silva, 1998).

Segundo as mesmas autoras, as mulheres responderiam por 40% da mão-de-obra rural; enfrentariam, em média, jornadas de trabalho de 15 a 18 horas/dia e cerca de 40% das mulheres ocupadas no meio rural seriam trabalhadoras familiares sem remuneração.

Pesquisa realizada no Brasil sobre a participação das mulheres nos diferentes tipos de trabalho na agricultura, segundo Suárez & Libardony (1992), citados por Abramovay & Silva (1998), mostrou que as mulheres somam 33,5% dos 23,5 milhões de pessoas dedicadas à agropecuária. Na agricultura familiar, de um total de 16,4 milhões de pessoas, elas representam 36,2%; ainda segundo a pesquisa citada, cada tipo de produção familiar apresenta um padrão diferente de participação das mulheres nas diversas atividades agrícolas (Abramovay & Silva, 1998).

A figura do pai ou do marido como representante principal da agricultura familiar reflete a cultura que elegeu o masculino como responsável pelas atividades desenvolvidas fora do espaço doméstico, uma vez que este é considerado o lugar da mulher. No geral, essa ideologia existe mesmo quando a participação da mulher no mundo do trabalho é cada vez mais crescente.

A análise de gênero revela a necessidade de tornar visíveis as relações existentes entre as tarefas de produção e de reprodução. Partindo do ponto de vista da vida das mulheres e da sobrevivência familiar, as atividades de

reprodução da espécie humana não estão limitadas apenas à geração, mas incluem criar os filhos, educar, cuidar e alimentar a família, carregar água, cultivar alimentos e outras atividades afins. De acordo com a Divisão das Nações Unidas para o desenvolvimento das Mulheres, pesquisadas do WID consideram que o “não reconhecimento das atividades de reprodução humana” e, mais especificamente, a falta de “uma articulação racional, organizada e legítima” (INSTRAW – ONU, 1995 p. 24) entre a produção e a reprodução é o fundamento da maioria das manifestações de desigualdades de gênero.

A visão abrangente das atividades de reprodução humana é um excelente ponto de partida para a elaboração de estratégias de desenvolvimento, sensíveis à questão de gênero. A partir do entendimento de que a produção e reprodução estão interligadas na vida das mulheres, será possível ajudar a reverter a situação atual, removendo-se muitos dos obstáculos que bloqueiam os caminhos para uma equitativa distribuição dos benefícios gerados pelo desenvolvimento.

3 A DINÂMICA DA COMUNIDADE

Neste capítulo, os resultados da pesquisa foram apresentados e discutidos considerando a aplicação dos questionários e entrevistas realizadas com as 31 mulheres e 10 homens da comunidade da Cachoeirinha. Os resultados foram apresentados sob forma de tabelas e as opiniões das entrevistadas e dos entrevistados foram destacadas. A análise e as discussões foram ordenadas pela seqüência de informações contidas nas tabelas.

3.1 Cachoeirinha

A comunidade da Cachoeirinha localiza-se a 8 quilômetros da cidade de Lavras e fica próxima a outras comunidades chamadas Registro, Paiol e Ponte do Funil. O lugar tem uma bonita paisagem e a topografia é acidentada. A estrada que dá acesso a Cachoeirinha é bem conservada, o que facilita o deslocamento dos moradores com freqüência, até a cidade. Quase tudo que eles precisam com relação à alimentação é produzido na unidade familiar mesmo, e o que não se produz lá, é adquirido em Lavras.

O lazer dos moradores é bastante variado. Eles participam de partidas de futebol entre as pessoas da comunidade e os times que vêm de Lavras nos finais de semana. Existe um bar que funciona próximo ao campo de futebol, com jogos de baralho, sinuca, dominó e muita música. Os moradores também costumam se reunir para comemorar aniversários com churrasco em suas casas. São também comemoradas datas como festas juninas e outras, geralmente organizadas pelas professoras da Escola.

Os moradores da comunidade também costumam se reunir para rezar. A Igreja freqüentada por eles é a do Paiol e a religião predominante é a Católica.

As crianças da comunidade freqüentam a Escola do Paiol, há um ônibus da prefeitura que faz o transporte das crianças no turno da manhã e no turno da tarde. Essa escola funciona até a 8ª série, depois os adolescentes vão para as escolas de Lavras.

O posto de saúde do Paiol também é freqüentado pela comunidade da Cachoeirinha, e funciona de segunda a sexta-feira. Existe uma agente de saúde que faz pequenos curativos, aplica vacinas e realiza atendimentos mais simples, e um médico que atende duas vezes na semana.

As unidades familiares produzem produtos como o milho, o feijão e a mandioca para o consumo próprio; produzem hortaliças para comercializar e a produção é bastante variada, predominando a produção de cebolinha, alface, couve e tomate. Além das hortaliças, comercializa-se também leite, cachaça, queijos, galinhas, ovos e milho. As unidades familiares caracterizam-se pela produção de leite, o trabalho dos agricultores fora da unidade familiar e a renda das aposentadorias.

As residências são construídas em alvenaria, com três a quatro cômodos (sala, quarto, banheiro e cozinha), todas possuem água encanada e energia elétrica. As águas são provenientes das fontes e, segundo os moradores, são águas boas. A energia elétrica trouxe mudanças de hábitos nas residências daqueles que possuem televisão e geladeira. Agora dorme-se mais tarde e não se conversa com os vizinhos como antes. E a geladeira veio facilitar a vida daquelas que a possuem. Geralmente existem móveis e eletrodomésticos nos domicílios, o sofá está presente em muitas das residências e em algumas, o aparelho de som ou a televisão. Na parte externa da casa ficam os terreiros, que são limpos quase que diariamente. Em muitos terreiros ficam as hortas ou jardins, em outros algumas fruteiras, como laranja e mixirica. Não existem muitos pomares, mas os existentes possuem uma grande variedade de frutas.

As famílias costumam receber as pessoas com muito carinho e simpatia. As mulheres da comunidade são muito comunicativas, recebem suas visitas na sala ou na cozinha; com alguns minutos de conversa todos estão participando, inclusive os maridos e as crianças, deixando o visitante muito à vontade. São oferecidos deliciosos lanches, com doces, queijos e bolos, uma fruta, leite ou café, com o comentário de que é produzido na roça e está muito gostoso

As relações entre vizinhos são boas, percebe-se pelas conversas informais; eles estão sempre levando alguma coisa para o outro quando vão visitá-los, um doce, fruta ou bolo. Muitas famílias que têm crianças e não têm gado sempre ganham leite do vizinho ou de um parente, o mesmo acontece com as hortaliças.

3.2 Acesso à terra

A maioria das famílias entrevistadas possui área de terra, geralmente cedida, comprada ou comprada para acrescentar àquela área recebida de herança. As famílias falam que a terra é pequena e não dá para plantar o suficiente para comercializar ou criar gado, o que obriga muitos agricultores a procurarem alguma atividade que gere renda em outras unidades familiares ou em Lavras.

TABELA 1. Condição de acesso à terra

Forma de aquisição	Número de entrevistadas	(%)
Terra cedida	17	54,85
Compra	6	19,35
Compra e herança	4	12,90
Herança	4	12,90
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo 2003.

As agricultoras familiares da Cachoeirinha são pessoas nascidas na Cachoeirinha mesmo ou em outros lugares próximos, como já foi visto anteriormente, são pessoas da terra. A forma de aquisição predominante é cessão de terra, ou seja mulheres que moram em terrenos do pai ou sogro, que recebem a terra (ela ou o marido) mas não tem documentação; também não pagam aluguel nem qualquer outra forma de renda, só pagam a “força” (energia), como dizem algumas das mulheres entrevistadas. Em seguida vem a aquisição através da compra (19%), herança (13%) e compra e herança (13%), como se vê na Tabela 1.

Pode-se perceber que trata-se de agricultoras que já possuem tradição de trabalho com a terra desde a infância, e seu aprendizado agrícola foi adquirido na esfera familiar, já que 90% das entrevistadas declararam nunca ter feito curso de capacitação ou treinamento em qualquer área profissional.

TABELA 2. Tamanho da terra utilizada

Área total (hectare)	Número de famílias	(%)
0 a 2	7	22,58
3 a 4	10	32,20
5 a 6	3	9,40
10 a 25	7	22,58
Mais de 35	4	12,90
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A Tabela 2 traz o tamanho das unidades familiares da Cachoeirinha. Como se pode observar as unidades familiares, são pequenas se comparadas

com as áreas médias da região sudeste, que são de 21 hectares para agricultores familiares, segundo o Censo Agropecuário 1995/96 – IBGE. Das 31 famílias, 10 possuem de 3 a 4 hectares, o equivalente a 32%; 7 famílias possuem área de 0 a 2 e 10 a 25 hectares e somente 12% das famílias possuem terrenos com mais de 35 hectares.

TABELA 3. Quantidade de famílias que vivem na unidade de produção familiar

Número de famílias na unidade familiar	Número de entrevistadas	(%)
1	17	55,00
2	5	16,00
3 a 4	9	29,00
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A Tabela 3 traz o número de famílias que moram em cada unidade familiar pesquisada. Em 55% das unidades familiares pesquisadas mora 1 família, em 16% moram 2 famílias e em 29% moram de 3 a 4 famílias.

Conforme mostrado na Tabela 1, a forma de aquisição predominante é cessão de terra, ou seja, aquelas mulheres que casam e vão morar com o marido num terreno cedido pelo pai ou sogro. No terreno cedido eles produzem tudo o que vão precisar. As famílias que moram na mesma unidade familiar dividem as hortaliças uma só horta serve para as demais, o mesmo acontece com o gado. Se uma família não possui gado e a outra possui, então ela recebe o leite; o mesmo acontece com muitos outros produtos.

TABELA 4. Pessoas da família que trabalham na unidade familiar

Número de pessoas	Número de unidades familiares	(%)
1	6	19,38
2	14	45,16
3	5	16,12
4 a 7	3	9,67
Nenhuma	3	9,67
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Como mostra a Tabela 4, em 45% das unidades familiares trabalham 2 pessoas, em 19% trabalha 1 pessoa, em 9% trabalham de 4 a 7 pessoas e em 9% não trabalha ninguém da família na unidade de produção.

Muitas mulheres não se incluíram nas pessoas da família que trabalham na unidade de produção, pois as atividades por elas desenvolvidas não são consideradas trabalho, conforme citado anteriormente. Das mulheres que se incluíram, nenhuma incluiu as atividades desenvolvidas pelas filhas ou filhos menores e adolescentes.

TABELA 5. Número de trabalhadores contratados

Número de trabalhadores contratados	Número de unidades familiares	(%)
Permanente	1	96,75
Temporário	3	3,25
Total	4	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Só foi encontrado um caso de trabalhador com contrato permanente e 3 trabalhadores com contratos temporários, como mostra a Tabela 5. Foram observados casos em que não existe uma remuneração em dinheiro pelo serviço prestado e sim troca de serviços. Observou-se outro caso em que a unidade familiar é grande para um senhor que é doente e a idade já está avançada, o que dificulta a exploração por sua parte. Então ele cedeu uma parte da terra para um outro agricultor que não tem terras suficientes; os dois plantam milho em parceria, um entra com a terra e o outro com o trabalho, e o milho é dividido entre os dois.

Os trabalhadores contratados não substituem o trabalho familiar. Eles representam uma complementação desse trabalho e fazem de quase tudo na unidade familiar de produção: tiram leite, cuidam do gado, roçam pasto, capinam, fazem ou concertam cerca, trabalham na horta e na lavoura.

Não existe uma época certa para essas contratações, que variam de acordo com as necessidades da produção.

3.3 Principais produtos cultivados

Os principais produtos cultivados são milho, feijão, mandioca, banana, cana-de-açúcar e arroz. A mão-de-obra utilizada é a da própria família com raras exceções, sendo os homens responsáveis pelas atividades produtivas. As mulheres e as filhas têm responsabilidades consideradas reprodutivas, as atividades domésticas relacionadas à casa e ao quintal. Mas isso não impede de, no caso de necessidade, elas também participarem dos trabalhos na lavoura.

TABELA 6. Principais produtos cultivados nas unidades familiares da Cachoeirinha

Principais produtos	Número de famílias	(%)
Milho	18	59,00
Feijão	13	42,00
Mandioca	6	19,00
Banana	6	19,00
Cana	5	16,12
Arroz	3	9,67
Café	2	6,45

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Existem atividades na unidade de produção que não geram renda em dinheiro, mas que são de fundamental importância para a sobrevivência da família, como é o caso da produção de mandioca, feijão e milho. O milho não é gerador de renda, mas é básico na alimentação familiar. Além de alimentação para as famílias, ele também serve para alimentar as pequenas criações, como o gado; em caso de sobra, ele pode ser trocado por qualquer outro produto. Existe o caso de uma família que planta o suficiente para comercializar, lá na Cachoeirinha mesmo, com os vizinhos.

A Tabela 6 traz os principais produtos cultivados pelas famílias da Cachoeirinha e revela que o milho é cultivado por 59% das famílias. O feijão também é considerado muito importante para a alimentação dessas famílias e é cultivado por 42% delas. Em seguida vem outros produtos, como a mandioca, banana, cana-de-açúcar, arroz e café, sendo que nenhum deles é plantado para comercializar, só para o consumo. A exceção é cana-de-açúcar, que é cultivada

em uma das unidades familiares para a fabricação da cachaça e em muitas outras para alimentar o gado.

A produção da lavoura na unidade familiar da Cachoeirinha visa atender basicamente ao consumo familiar. Segundo a maioria das entrevistadas, a terra é pouca e não dá para plantar o suficiente para comercializar. As famílias sobrevivem da lavoura, da horticultura, da venda do leite, de algum tipo de remuneração dos homens e mulheres em outras unidades familiares e das aposentadorias.

TABELA 7. Pessoas da família que trabalham na unidade familiar e em outras atividades

Local de trabalho	Número de pessoas	(%)
No meio rural	20	88,33
Na cidade	4	16,67
Total	24	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

As pessoas da família que trabalham fora da unidade familiar são homens, mulheres e rapazes, desempenhando as atividades mais variadas. As mulheres trabalham de empregadas domésticas, fazem faxina, trabalham de diaristas na colheita do café. Os homens trabalham como carpinteiros, pedreiros, horticultores, na lavoura ou com o retiro do leite. Existe o caso de uma mulher que trabalha na colheita do café e a cada 15 dias faz faxina em casa de família em Lavras; e outros rapazes que trabalham no comércio de Lavras.

3.3.1 Horticultura

A maioria das agricultoras da Cachoeirinha cultivam hortaliças para o autoconsumo. Somente duas famílias cultivam para comercializar. As hortaliças, a exemplo do milho e do feijão e de outros produtos cultivados pela maioria das famílias, não geram renda, mas são de fundamental importância na dieta alimentar dessas famílias. As atividades da horta são desempenhadas geralmente pelas mulheres, filhos e filhas; é um trabalho árduo, pois as pessoas envolvidas ficam geralmente em contato com a umidade e muito tempo agachadas, o que geralmente causa dores nas costas. Mas as compensações são muitas verduras o ano inteiro na mesa, o que significa alimentação farta e saudável.

TABELA 8. Número de famílias que possuem horta

Possui horta	Número de famílias	(%)
Sim	21	68,00
Não	10	32,00
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A produção de hortaliças nas unidades familiares pesquisadas obedece ao princípio do autoconsumo e é considerada muito importante para a dieta alimentar das famílias. Como mostram os dados da Tabela 8, 68% das famílias possuem hortas e outras famílias revelaram que não cultivam porque já existe na casa do pai ou do sogro e dá para o consumo de todos. Somente em duas unidades familiares esses produtos são comercializados. As frutas também são produzidas com a mesma finalidade, ou seja, o autoconsumo da família. Nesse

caso não foi encontrada nenhuma unidade familiar que comercializasse; elas eram aproveitadas de outras maneiras, na produção de doces, compotas e sucos.

TABELA 9. Número de famílias que possui gado

Possui gado	Número de famílias	(%)
Sim	21	68,00
Não	10	32,00
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A Tabela 9 mostra que 68% das famílias possuem gado, que é considerado a produção mais importante nas unidades familiares da Cachoeirinha. Além de fazer parte do cardápio alimentar com a produção de queijos, doces, manteiga e o próprio leite, e gado serve como solução rápida nas horas de necessidade, em caso de doença ou qualquer outro aperto, pois é muito fácil de se vender. A venda do leite é a terceira fonte de renda mais importante na unidade familiar, como já se viu anteriormente. Além de ser vendido, também serve na produção de queijos, doces e manteiga, para o consumo da família, no caso de uma das famílias entrevistadas, ele representa a própria sobrevivência, pois elas vivem da renda do queijo que é comercializado na cidade.

4 FAMÍLIA, DIVISÃO DO TRABALHO E ADMINISTRAÇÃO DA UNIDADE FAMILIAR

4.1 Família

As famílias estudadas têm sua base fundamentada no padrão de família patriarcal, que tem como princípios a autoridade do pai e a do homem sobre a mulher, a monogamia, a legitimidade da prole e a divisão sexual do trabalho. Segundo Bruschini (1989), na família tipicamente patriarcal, o homem é o responsável pelas decisões nas esferas privada e pública. Cabe a ele escolher a profissão dos filhos, com quem devem se casar e, inclusive, interferir nas novas famílias que se formam. No sistema patriarcal, a família se configura como unidade de produção em que homens, mulheres e crianças trabalham, as mulheres na casa e os homens no campo, e a unidade familiar era, antes de tudo, uma unidade de produção.

Apesar de as famílias da Cachoeirinha fundamentarem-se em tais princípios, a família rural de certa forma tem acompanhado as transformações da sociedade, uma vez que também tem características da família nuclear, que é caracterizada como uma unidade de consumo em função de os seus membros venderem sua força de trabalho. O casamento pode ser institucionalizado ou não, constituindo uma nova entidade, com autonomia funcional. A família nuclear é composta por pai, mãe e filhos, possui características próprias, sendo responsável por suas decisões. Vale acrescentar que, na família nuclear, foi encontrada e reproduzida a característica da patriarcal de as decisões sobre a família e o patrimônio serem tomados pelo homem.

Diante do exposto, observa-se que as famílias rurais pesquisadas mantêm algumas características semelhantes às dos tipos mencionados, pois em sua grande maioria elas se caracterizam, como unidade de produção e de consumo,

já que uma boa parte de seus membros trabalham em suas próprias roças, vendem sua força de trabalho para outras unidades familiares próximas, ou fazem qualquer outra atividade que gere renda.

Quanto ao mando dos homens, as mulheres das famílias pesquisadas dizem que, quando solteiras, deviam obediência aos pais, e hoje, a devem aos maridos. O mesmo acontece com a dependência financeira: elas confessam ser dependentes de seus maridos, pois não trabalham fora para gerar renda e ajudar nas despesas da casa e nem com as suas despesas pessoais. Tudo o que necessitam são eles que compram quando podem; quando não podem, têm que esperar até poder comprar. Observou-se, nas famílias entrevistadas, que a obediência aos homens (maridos, pais e filhos) não tem um caráter obrigatório ou dependente como tem na família patriarcal, mas é sobretudo uma demonstração de afetividade, como ocorre na família considerada nuclear. Na Cachoeirinha, quase todos são parentes. Além de existir este grau de parentesco muito forte, notou-se muita afetividade, solidariedade e vários outros sentimentos, como afeto, amor e respeito entre os familiares, vizinhos e conhecidos.

O sentimento fraterno encontrado na comunidade da Cachoeirinha não contamina as relações de poder na família. O princípio derivado do patriarcalismo, de as decisões na família ficarem a cargo do homem, é uma característica baseada nas relações tradicionais de gênero, em que a mulher é inferior e o homem tem mais poder. Esse perfil vem sendo mantido e tem perpassado vários sistemas familiares, particularmente na sociedade rural. Nas famílias rurais pesquisadas, por exemplo, o poder de decisão no âmbito doméstico e fora dele é sempre do sexo masculino.

A agricultura familiar tem como base social a família. No decorrer deste texto, trata-se de família e estão colocados os termos “esfera pública” com o

significado de trabalho social, remunerado, trabalho na produção agrícola ou aquele realizado fora de casa, em outras unidades familiares, ou seja, o trabalho dos homens. O “privado” está associado ao trabalho doméstico, de casa, carregado de afetividade, paciência e prazer. O cuidado com os filhos e com o marido, com o terreiro com os pequenos animais e com as plantas é o trabalho das mulheres. Os termos “esfera pública” como espaço masculino e “esfera privada” como feminino não significam poder distribuído nas relações de gênero, pois a mulher não tem o domínio no espaço privado e nem no público. Nas famílias pesquisadas, o homem domina em ambas as esferas.

As pessoas entrevistadas para esse estudo somam um total de 41, sendo 31 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A idade e o estado civil das mulheres entrevistadas estão representados na Tabela 10.

TABELA 10. Idade e estado civil das mulheres da Cachoeirinha

Idade (anos)	Casada	Viúva	Totais	(%)
Até 24	2	-	2	6,45
25 a 34	2	-	2	6,45
35 a 44	11	-	11	35,50
45 a 54	5	-	5	16,12
55 a 64	3	-	3	9,68
65 a 74	5	1	6	19,35
75 ou mais	1	1	2	6,45
Total	29	2	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003

A Tabela 10 mostra a idade e o estado civil das agricultoras familiares da comunidade da Cachoeirinha. A idade das entrevistadas variou de 24 a mais de 75 anos e o maior percentual ficou na faixa etária de 35 a 44 (35%), vindo logo em seguida as senhoras idosas de 65 a 74 anos, ou seja, 19% das mulheres da comunidade.

Das 31 mulheres entrevistadas da comunidade, 29 são casadas e 2 são viúvas. Embora confirme-se a tendência de crescimento da proporção de famílias compostas por mulheres sem cônjuge com filhos nas cidades, segundo dados do IBGE (2001), esse tipo de família não foi encontrada na Cachoeirinha, nem com filhos e nem solteira sem filhos.

TABELA 11. Escolaridade das mulheres da Cachoeirinha

Anos de estudo	Número de entrevistadas	(%)
Sem estudo formal	3	9,70
1 ano de estudo	1	3,20
2 anos de estudo	3	9,70
3 anos de estudo	5	16,10
4 anos de estudo	16	51,60
5 a 8 anos de estudo	3	9,70
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A maioria das agricultoras familiares da Cachoeirinha têm até 4 anos de estudo como mostra a Tabela 11, o que é reconhecido por elas na hora da entrevista como pouco, mas justificado. Segundo essas mulheres, na sua época de criança era tudo mais difícil, não existia transporte, as escolas ficavam

distantes da área rural, não existia essa facilidade de hoje, com ônibus fazendo o transporte de graça e a bolsa escola, que é o incentivo do governo para freqüentar escola. *“Hoje só não estuda quem não quer”*, na opinião de muitas mulheres entrevistadas.

Quando perguntou-se qual a importância do estudo para sua família, todas as mulheres falaram que só quem estuda tem possibilidades de encontrar um emprego melhor, da satisfação que têm ao ver os seus filhos na escola e do orgulho das mães cujos filhos estão formados.

“O estudo é fundamental. Graças a Deus minhas filhas têm curso superior, hoje o estudo é fundamental, você tem que tá sempre estudando. Da minha família só eu não me formei, meus irmão são todos formados” (L.M.S. mulher, 68 anos).

“Nossa! O estudo é muito importante. Nos dias de hoje a pessoa sem estudo não é ninguém. O estudo torna a pessoa melhor, mais educada, mais participativa nas coisas. Estudando, a pessoa fica bem informada, de como são as coisas, como se deve falar. É muito importante uma pessoa ser bem informada e bem educada porque essa pessoa vai longe, vai onde ela quiser” (L.A S. R. mulher, 23 anos).

TABELA 12. Ocupação principal

Sempre foi produtora rural	Número de entrevistadas	(%)
Sim	23	74,20
Não	8	25,80
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A Tabela 12 revela que as mulheres da Cachoeirinha, em sua grande maioria (74%), sempre foram produtoras rurais, logo participam da esfera “produtiva”, geram renda e estão no espaço público. Somente 26% das entrevistadas disseram que nem sempre foram produtoras rurais, moravam na cidade e tinham outras profissões. Estas se ocupavam como costureira, auxiliar de serviços gerais e outras eram “do lar”.

TABELA 13. Trajetória migratória de mulher

Trajetória migratória	Número de entrevistadas	Idade	(%)
Sempre morou na Cachoeirinha	20	23 a 84	64,50
Morou em outro lugar no município	5	35 a 44	16,50
Morou em outro lugar no estado	4	45 a 54	13,00
Morou em outro lugar no país	2	55 a 68	6,00
Total	31	-	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Como mostram os dados da Tabela 13, a maioria das agricultoras familiares da Cachoeirinha são pessoas nascidas no próprio lugar e que sempre moraram ali, existindo poucos casos de entrevistadas, representando apenas 35% da comunidade, que moraram em outros lugares. Só foram encontrados 5 casos de pessoas que moraram em outro lugar no município, 4 casos em que elas moraram em outros lugares do estado e 2 em que elas moraram em outro lugar no país. Isso significa que a agricultura familiar da Cachoeirinha é constituída de uma população estável.

As agricultoras familiares que estiveram fora estão entre as mais jovens, na faixa etária de 35 a 44 anos. As que moraram em outro lugar no município mesmo são 5, na faixa etária de 45 a 54. Quatro moraram em outro lugar no estado e somente duas mulheres moraram em outro lugar no país; essas estão na faixa etária de 65 a 74 anos.

TABELA 14. Número de filhos

Idade da entrevistada	Número de filhos	Número de filhos por mulher	(%)
Até 24	4	2	6,45
25 a 34	4	2	6,45
35 a 44	31	11	35,50
45 a 54	15	5	16,12
55 a 64	16	5	9,68
65 a 75	34	6	19,35
Total	103	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Das 31 mulheres pesquisadas, 21 delas têm de 1 a 3 filhos. O número de filhos totalizou 103, com uma média de 3,3 filhos por mulher, ficando acima do dobro da média nacional, que é de 1,6 filhos/mulher, segundo dados do IBGE (2001).

As mulheres que têm mais filhos estão na faixa etária entre 35 a 44 anos, com 31 filhos, vindo em seguida as da faixa etária de 65 a 74 anos, com 24 filhos. Só foi encontrado um caso de uma família que tinha 10 filhos. As mulheres mais jovens, de até 24 e entre 25 a 34, são as que possuem um menor número, totalizando 8 filhos.

Nas famílias das agricultoras da Cachoeirinha o tipo predominante é a nuclear, casal com filhos e ausência de outros membros. Em sua grande maioria (51%) as famílias possuem de 2 a 3 filhos, o que demonstra que se encontram acima da média brasileira, que é de 3,3 pessoas segundo dados do IBGE (2001).

TABELA 15. Número de filhos no domicílio e fora do domicílio e ocupação

Residência/ocupação	No domicílio	Fora do domicílio	Fora do domicílio fora do município	Total
Estudante	30	4	-	34
Agricultor	12	5	-	17
Profissional liberal	-	6	9	15
Empregada Domestica	2	6	2	10
Funcionária	2	4	6	12
Menores de idade	10	1	-	11
Outros	-	3	1	4
Totais	56	29	18	103
(%)	54,86	28,15	17,49	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Uma das características da unidade familiar é a combinação dos diversos tipos de força de trabalho das mulheres, homens, crianças e idosos. Todos os membros da família trabalham, mas quem administra são os homens: marido, pai e filhos. É o que revela os dados da Tabela 16, em que 71% das unidades familiares são administradas pelos maridos, 23% são administradas pela família, 3% pelos filhos e 3% pelo pai. Não foi encontrado nenhum caso em que a mulher administrasse a unidade familiar. Mesmo quando ela e o marido respondiam que quem administrava era a família, a palavra final, sobre como e onde empregar o dinheiro, e em que investir, é sempre do homem.

4.3 Trabalho

Ao perguntar às mulheres sobre sua profissão, a maioria se auto-definiu como “dona de casa” e algumas como “do lar”. Para elas não existe diferença, os dois querem dizer a mesma coisa: aquela mulher que só cuida dos afazeres domésticos. Na primeira fase das entrevistas, quando foram usados questionários fechados e fazia-se a pergunta “Você trabalha?”, a maioria delas respondeu que não. Num segundo momento, das entrevistas, com perguntas abertas, onde as mulheres tinham mais oportunidade de falar, foi colocada a pergunta “O que você entende por trabalho?”. Elas responderam que trabalho são todas as atividades desenvolvidas por elas, sejam as atividades domésticas, as da lavoura ou as desenvolvidas fora da unidade familiar.

Para as mulheres entrevistadas, todas as atividades desenvolvidas dentro e fora da unidade familiar são consideradas trabalho. Só que o trabalho remunerado, no seu entendimento, é considerado emprego, que é aquele trabalho feito fora do seu espaço doméstico e que gera algum tipo de renda. Daí, num primeiro momento, elas não considerarem as suas atividades domésticas como trabalho, só vindo a acontecer num segundo momento.

Considerar como trabalho as inúmeras atividades desenvolvidas pelas mulheres no âmbito doméstico e nos quintais e seus arredores é uma forma de torná-las mais visíveis e mais valorizadas. O trabalho remunerado é considerado por todas as mulheres entrevistadas de fundamental importância, pois nos dias de hoje, em que a vida está difícil e muita coisa se compra, o acesso da mulher a algum tipo de renda própria deveria torná-la mais independente do marido e mais participante nas decisões que envolvem o grupo doméstico e a sociedade como um todo. Apesar de se notarem mudanças expressas pelas mulheres estudadas, muitas ainda não reconhecem sua contribuição, tendendo a perpetuar sua subordinação.

Elas lamentam não conseguir trabalho remunerado, dizem que hoje está muito difícil encontrar algum tipo de trabalho, até na lavoura, que hoje não dá só para o homem arcar com todas as despesas da casa sozinho. Mas, quando muitas mulheres foram indagadas se seus maridos a deixavam trabalhar fora de casa, a resposta foi não. Só poderiam trabalhar em alguma coisa que pudesse ser feita em casa mesmo. Notou-se, também, muita satisfação e prazer quando as mulheres falam de suas atividades diárias; a maioria das entrevistadas não esconde que o serviço é difícil, cansativo, mas que dá muita satisfação quando chega no final do dia e está tudo arrumadinho:

“Trabalho é qualquer serviço que eu faça. É trabalho. Não é só quem é empregado que trabalha não, lavar roupa é trabalho, fazer comida é trabalho, arrumar a casa é trabalho. O que não dá é ficar com a mente desocupada, isso não é trabalho” (M.T.J, mulher, 60 anos).

“Trabalho faz parte da vida, trabalho é bom pra distrair é uma maneira de ganhar o pão de cada dia, é uma maneira de sobreviver” (R.A.S.R, mulher, 35 anos).

Muitas mulheres já exerceram algum tipo de atividade remunerada, lá mesmo na Cachoeirinha, trabalhando num laticínio ou numa feira que já existiu e que dava oportunidade de trabalho para todos, como costureiras ou quitandeiras.

Atualmente elas trabalham de empregadas domésticas, na colheita do café, na horticultura, fabricação de queijos, corte de cabelo e uma é funcionária pública. A respeito do que consideram como sua profissão, só as empregadas domésticas se intitularam de “empregadas domésticas”, a funcionária pública de “funcionária”, as demais se intitularam “donas de casa” ou “do lar”.

Quando questionadas sobre as atividades remuneradas que exercem, só a funcionária pública e as empregadas domésticas consideraram trabalho como emprego, as demais não consideraram suas atividades domésticas como trabalho que gera renda, nem como atividade profissional. As mulheres que vendem pequenas criações e ovos nem se incluíram. Dizem que é muito pouco, que só dá para uma “ajudazinha”. Elas ajudam nas compras da casa (alimentos que não são produzidos na unidade familiar), objetos pessoais para elas e para a família, como roupas, sapatos e remédios e, em muitos casos, repassam o dinheiro para seus maridos.

Ao se perguntar às mulheres qual a diferença entre “trabalho”, “obrigação” e “ajuda”, uma das entrevistadas respondeu:

“Trabalho” é o que fazemos por amor. É a gente fazer o que a gente gosta de fazer. “Emprego” é aquilo que a gente faz por dinheiro, “obrigação” é uma coisa que é pra gente fazer e se a gente não fizer, não tem quem faça pela gente. “Ajuda” é quando há necessidade lá no trabalho dele, então eu vou lá e dou uma mãozinha pra ele” (L.A.S.R, mulher, 23 anos)

Quase todas as mulheres entrevistadas ressaltaram bastante sua obrigação de esposa, mãe de família e dona de casa. É sua obrigação de esposa fazer as atividades domésticas, de fazer o almoço, lavar a roupa, cuidar da casa, para quando o marido chegar encontrar tudo limpinho e não ter do que reclamar, como é obrigação do marido, colocar as coisas dentro de casa, desde a comida até os eletrodomésticos.

“Obrigação é uma coisa que é pra gente fazer e se a gente não fizer, ninguém vai fazer pra gente, assim como a comida, o jantar, a lavagem da roupa, e a arrumação da casa. Isso é uma obrigação da mulher. Eu acho que é uma obrigação dela quando ele trabalha o dia todo fora, quando ele chegar encontrar a casa limpa, a comida tá pronta, a roupa limpinha para ele não reclamar que não tem nada feito e arrumado. Porque ele tem as obrigações dele fora, que é trabalhar, pois ele tem a obrigação de comprar tudo pra casa, ele tem obrigação de pagar as contas, de trazer o dinheiro pra dentro de casa, pra sobrevivência, pro bem estar da família. Ele tem a obrigação dele, eu tenho a minha” (L.A.S.R, mulher, 23 anos).

4.3.1 Trabalho de mulher e trabalho de homem

Quando se perguntou aos homens se suas mulheres trabalhavam, a resposta foi unânime: Sim! suas mulheres trabalhavam em casa e as atividades desenvolvidas por elas eram difíceis. Todos reconheceram que o trabalho feminino é um trabalho cansativo, uma rotina que nunca acaba. Ele começa desde a hora que a mulher se levanta e só acaba quando ela vai se deitar. Quando perguntadas sobre o número de horas que suas mulheres trabalhavam por dia, eles respondiam: “o dia todo”. Essa resposta sempre vinha acompanhada de uma risadinha.

Dos 10 homens entrevistados, 8 deles diferenciaram o trabalho da mulher do trabalho do homem, como o dela sendo um trabalho mais “maneiro” mais “leve”, diferente do trabalho do homem que é um trabalho mais “bruto”, “rústico”, “pesado”, o dela seria os afazeres domésticos, os cuidados com a casa, com as crianças e com o quintal. O trabalho feminino também inclui a “ajuda” na roça, na criação de pequenos animais e com a horta. Praticamente em todas as famílias esse serviço cabe à mulher e é dividido com as filhas. Todos reconheceram que, apesar de ser um trabalho mais leve, é um trabalho difícil, chato.

“O trabalho da mulher é um trabalho custoso, todo dia ela faz a mesma coisa, é uma rotina, um trabalho muito chato que nunca acaba. O trabalho da mulher é mais difícil, ele exige menos força física. O do homem é mais pesado, mais rústico, mas eu não trocaria o meu serviço pelo dela, não” (E.S, homem, 72 anos).

“Trabalho de mulher é fazer almoço, limpar a casa, lavar a roupa. Se for preciso eu também faço serviço de mulher. O do homem é trabalhar na roça, roçar pasto, capinar, cuidar de porco de vaca eu faço tudo isso” (J.E, homem, 46 anos).

Outros homens entrevistados acharam que hoje quase não existe diferença entre o trabalho dos dois, pois tudo que os homens fazem as mulheres também estão fazendo.

“Hoje em dia tá quase igual. Tem mulher motorista, caminhoneira, ela estuda e aprende. Tem mulher que trabalha no campo igual homem. Existe homem mais mole que mulher, tem hoje que esperar a mulher dar comida pra ele. O homem é que tem que lutar pela vida, eu não sei se é porque eu fui criado assim, lutando pela vida” (E.D.M, homem, 61 anos).

“Trabalho de homem e de mulher não tem diferença, tudo é trabalho. Tem trabalho que não tem como a mulher fazer, não, porque é um serviço muito pesado. Tem umas mulheres doidonas que fazem o serviço do homem; enxada é um serviço pesado, mas tem muita mulher que capina, aqui na região rural ainda é normal elas fazerem o retiro do leite, cortar cana, apanhar café, arrancar feijão, bater feijão. É um serviço pesado, mas tem muita mulher que faz. Pela própria estrutura física da mulher eu acho que ela teria que fazer um serviço mais leve” (A. P.G, homem, 47 anos).

Quando perguntou-se às mulheres o que elas consideravam trabalho de mulher e trabalho de homem, as repostas ficaram bem divididas. Das entrevistadas, 8 responderam que, no campo, trabalho de homem e trabalho de mulher era tudo igual, os dois trabalhavam juntos na roça, que a mulher fazia o mesmo serviço que o homem, que ela não trabalhava fora mas “ajudava” ele na roça.

“Eu não trabalho pra fora, só em casa. Mas ajudo eles na horta e na roça. O trabalho do homem é diferente do trabalho da mulher porque eles não trabalham em casa. Mas muitos trabalhos do homem a gente faz, mas os que a gente faz ele não faz. A roupa é muito difícil e o homem não faz” (B.M.S, mulher, 44 anos).

“Na roça, quando tem serviço, nós fazemos o mesmo serviço que o homem faz. Agora em casa, você sabe, né? Roupa, casa, cozinha, não tem descanso nem sábado e nem domingo. Os homens plantam, colhem, no tempo do café apanham café, fazem de tudo. Só que em casa eles nunca fazem o nosso serviço, na roça a gente faz o deles, mas eles nunca” (S.A S, mulher, 42 anos).

O restante das mulheres responderam que o trabalho da mulher é diferente do trabalho do homem. Algumas até reconheceram que existem mulheres que fazem o mesmo trabalho, mas o trabalho da mulher é o trabalho doméstico é um trabalho mais “leve”, é um café com leite, o do homem é fora de casa na roça é mais “pesado”.

“O trabalho do homem é fora de casa, ele não tem trabalho em casa, não faz nada o trabalho dele é fora. Em casa é só comer, beber, dormir e encher a paciência da mulher. O trabalho da mulher é em casa, lava vasilha, arruma casa, cuida do terreiro, faz comida e lava roupa. Só que o trabalho do homem é mais pesado. Ele dirige, derruba mata, faz trem, faz avião, isso o homem que estuda. Porque aquele que não estuda, é na enxada. Já o trabalho da mulher é mais “maneiro”, só que tem umas mulher que faz o mesmo serviço do homem, faz tudo” (M.T.J, mulher, 60 anos).

“Trabalho de mulher rural é um servicinho mais “leve”, como uma apanha de café. Já o de homem é uma coisa mais pesada, como uma roça de pasto, tirar o leite, cortar capim. Tem mulher que faz isso, mais eu acho muito “pesado” (E.A.S.F, mulher, 28 anos).

Nos depoimentos dos homens e de muitas mulheres, cabem à mulher e às filhas os serviços da casa, o cuidado com a educação dos filhos, com a horta e com a criação de pequenos animais, o trabalho “leve”. Aos homens cabe o trabalho considerado “produtivo”, o trabalho remunerado e o trabalho da roça, visto como um trabalho “pesado”.

De um modo geral o homem não participa das atividades domésticas, como preparo de alimentos, lavagem de roupa, limpeza da casa, ou fabricação de produtos caseiros para vender, queijo, manteiga, quitanda, e nem cuida dos pequenos animais. A mulher, além de desenvolver todas essas atividades, ainda realiza tarefas na roça como plantar, colher ou apanhar café. Isso foi confirmado na maioria das famílias entrevistadas.

Mas as atividades desenvolvidas por ela na roça são consideradas “ajuda”, por ser um espaço masculino, um trabalho dele. O mesmo acontece quando ele participa das atividades da horta, lá é um espaço considerado feminino e a presença do homem também vai representar uma “ajuda”.

Quase não existe participação do homem no serviço doméstico, o que era imediatamente justificado pelas mulheres como falta de tempo. Ele trabalha fora, chega cansado. Alguns homens confessaram que quando suas mulheres viajam, eles fazem o serviço, mas a maioria prefere acumular as tarefas e esperar pelo retorno delas. Apesar de se sentirem sobrecarregadas e de homens e mulheres reconhecerem que o serviço doméstico é cansativo, que você trabalha o dia todo, que nunca acaba, notou-se que elas próprias convivem com o preconceito de que “trabalho doméstico não é trabalho de homem”, o que reforça a divisão sexual do trabalho.

TABELA 17. Profissão auto definida da entrevistada

Auto definição da profissão	Número de entrevistadas	(%)
Do lar	22	71,00
Empregada Doméstica	4	13,00
Dona de casa	1	3,20
Faxineira	1	3,20
Lavadeira	1	3,20
Costureira	1	3,20
Funcionária pública	1	3,20
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Por isso é importante buscar compreender a maneira como as mulheres conceituam as suas ocupações. Observa-se na Tabela 17 que, ao se perguntar às mulheres da Cachoeirinha sobre a sua profissão, a grande maioria (equivalente a 71%) respondeu que era “do lar” ou “dona de casa”.

TABELA 18. Ocupação auto definida da entrevistada

No que trabalha	Número de mulheres entrevistadas	(%)
Nos serviços da casa	23	74,19
Na colheita do café	3	10,00
De empregada doméstica	2	6,15
Como faxineira	1	3,22
Na Escola Municipal da comunidade	1	3,22
Na lavoura	1	3,22
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Os dados da Tabela 18 mostram que 24 das 31 mulheres da Cachoeirinha, ao serem perguntadas sobre no que ela trabalham, respondem que trabalham só nos “serviçinhos” da casa. Essa pergunta causava muito espanto nas entrevistadas, pois as atividades domésticas são consideradas por elas e por todos da família obrigação feminina, mais precisamente das esposas e filhas dos agricultores. As mulheres se consideram dependentes de seus maridos, pois sempre estão relatando que é o dinheiro ou o trabalho do marido que sustenta a casa. Elas não consideram o seu trabalho doméstico, o cuidado com as pequenas criações ou com a horticultura como “trabalho”, e sim como “obrigação”.

As mulheres que trabalham temporariamente na colheita do café ou como empregadas domésticas dão visibilidade ao seu trabalho, mas o consideram secundário em relação ao trabalho do marido. As que trabalham na colheita do café falam que esse trabalho só acontece em certa época do ano, portanto só dá para “ajudar um pouquinho nas despesas”. As outras mulheres que recebem alguma renda, como as aposentadas ou as que vendem alguma criação, ovos ou queijo, também dizem que o que ganham é muito pouco, não levando em consideração nem a dupla jornada de trabalho, pois quando ela chegam vão fazer todo o trabalho da sua casa, e nem suas responsabilidades para com o bem-estar da família.

TABELA 19. Trabalho da mulher da Cachoeirinha

Se a entrevistada trabalha	Número de entrevistadas	(%)
Não	23	74,19
Sim	8	25,81
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Os dados da Tabela 19 revelam que 74% das mulheres rurais entrevistadas, consideraram que não trabalham. Nota-se que as mulheres, no contexto da agricultura familiar, encontram-se em uma estrutura familiar que se compõe de situações em que é comum o trabalho desenvolvido por ela ser frequentemente considerado como uma “ajuda”. Dessa forma, o conjunto das atividades que desempenham não é visto com “trabalho” gerador de renda por parte de sua família e nem por elas mesmas.

TABELA 20. Horas de trabalho diárias

Horas de trabalho diárias	Número de mulheres entrevistadas	(%)
Até 6 horas	1	3,00
De 8 a 10 horas	4	13,00
De 10 a 12 horas	10	32,00
Mais de 12 horas	16	52,00
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Observa-se, na Tabela anterior (19), que 74% das mulheres da Cachoeirinha, no primeiro momento das entrevistas, consideram que não trabalham, já que as atividades domésticas realizadas por elas na unidade familiar de produção não são consideradas “trabalho”, e sim “obrigação”, como ficou claro na fala de várias das entrevistadas. Mas quando se perguntou quantas horas elas trabalhavam por dia, 16 das 31 entrevistadas responderam que trabalhavam mais de 12 horas por dia, vindo em seguida 10 entrevistadas que trabalhavam entre 10 e 12 horas diariamente, 4 que trabalhavam de 8 a 10 horas e somente uma respondeu que trabalha 6 horas por dia (Tabela 20).

TABELA 21. Remuneração da entrevistada na unidade familiar

Recebe dinheiro pelas atividades desenvolvidas na unidade familiar	Número de mulheres entrevistadas	(%)
Sim	-	-
Não	31	100,00
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Os dados da Tabela 21 revelam que, das 31 mulheres entrevistadas da Cachoeirinha, nenhuma recebe pagamento por suas atividades desenvolvidas na unidade familiar de produção, o que não é de se estranhar quando se estuda a dinâmica econômica da agricultura familiar, em que a produção e o sustento da família tem como base a mão-de-obra da própria família. A mulher desempenha o papel historicamente construído nas atividades relacionadas ao lar, ou seja, tudo o que diz respeito à cozinha e seus arredores, como a limpeza do quintal, o cuidado com as pequenas criações, com a horta e com a educação dos filhos.

TABELA 22. Trabalho desenvolvido fora da unidade familiar

Na zona rural	Número de entrevistadas	(%)
Do lar	22	70,99
Colheita do café	3	9,67
Faxineira	2	6,45
Empregada Doméstica	2	6,45
Funcionária da escola	1	3,22
Na cidade	-	-
Faxineira	1	3,22
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A Tabela 22 mostra que 71% das mulheres entrevistadas não fazem nenhum trabalho fora da unidade familiar. Das que trabalham fora, que somam 26%, somente 3% trabalham na cidade, sendo que o restante das entrevistadas trabalha na zona rural mesmo, na colheita do café, como empregadas domésticas, faxineiras e na escola municipal.

4.3.2 Rotina diária de trabalho da mulher

A mulher rural pesquisada tem uma jornada de trabalho bem maior que a dos demais membros da família. Ao conversar com muitos agricultores familiares, percebe-se que nenhum deles começa ou termina sua jornada de trabalho antes de sua esposa. Quando ele chega do trabalho, toma banho, janta, assiste televisão ou vai dormir. A mulher vai tirar a mesa do jantar, lavar a louça, arrumar a cozinha, e muitas já deixam o almoço encaminhado para o dia seguinte.

Suas atividades diárias começam antes de todos. Ela é quem primeiro levanta para preparar o café para a família; quando os demais membros da família levantam, o café já está servido. Em seguida, vai para o quintal cuidar dos pequenos animais e animais domésticos, depois vai para a horta e para o curral, onde participa do cuidado com as vacas. Volta para casa, arruma a casa e prepara o almoço. Depois do almoço ela faz a limpeza da cozinha, aquelas que têm filhos em idade escolar, ajudam os filhos nos deveres da escola e arrumam os menores para a escola, algumas ainda vão deixá-los e buscá-los na escola.

À tarde começa tudo novamente, ela arruma a cozinha, cuida das criações, vai para a horta, passa roupa, tira um ou dois dias da semana para lavar a roupa, faz quitanda, queijo, doces e prepara a janta. À noite ela arruma a cozinha e é a última que deita para dormir. Isso não quer dizer que essa é a rotina diária de todas as mulheres entrevistadas, é claro que vai variar um pouco de acordo com a necessidade de cada uma e com o tamanho da família.

Essas atividades não impedem que elas trabalhem na colheita do café como diaristas ou que, nos períodos de necessidade, depois de suas tarefas domésticas, se dirijam às lavouras, onde vão desempenhar outra jornada de trabalho, colaborando na colheita do milho, café, feijão ou qualquer outra ocupação que esteja sendo executada e precise de mais mão-de-obra. Segundo o

depoimento de muitas mulheres, elas ainda encontram tempo para fazer crochê, costurar roupas para a família, fazer queijo ou doce para o consumo da família ou para o marido vender na cidade.

Todas as atividades desenvolvidas na unidade familiar que se referem à limpeza da casa, cozinha, lavar e passar roupas, o cuidado com os filhos, com sua higiene pessoal, suas tarefas escolares, os cuidados com os arredores da casa, com as pequenas criações, animais domésticos, jardins e horta, são considerados femininos.

As mulheres desenvolvem várias tarefas no seu dia-a-dia, segundo a opinião de alguns agricultores familiares que foram entrevistados. As atividades domésticas são prioridade em termos de ocupação diária da mulher. Ela não pode abandonar as atividades domésticas em função de outros trabalhos, mas o que se percebe depois de conversar com as mulheres entrevistadas é que somente uma minoria dedica-se exclusivamente às atividades domésticas. A maioria das mulheres trabalha em outras atividades, inclusive na lavoura, junto com seus maridos.

Essa rotina de trabalho é desempenhada inclusive pelas mulheres idosas, que fazem de tudo um pouco e são muito importantes na unidade familiar. Mesmo depois que elas aposentam, continuam na ativa, lavam, passam, cozinham, cuidam das crianças. Só em caso de doença deixam o trabalho na lavoura, mas as atividades domésticas continuam. Foram encontradas mulheres mais idosas, com algum tipo de doença, que requerem repouso, desenvolvendo quase todas as atividades da casa.

TABELA 23. Rotina diária de trabalho da mulher

Atividade	Manhã	Tarde	Noite	Número de entrevistadas
Preparo de alimentos	25	22	10	31
Cuidados dos filhos	16	12	-	31
Cuidados da casa	27	15	11	31
Atividade produtivas na unidade familiar	15	9	-	31
Estudo	-	-	1	31
Descanso	-	-	6	31
Outros	-	7	3	31

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

4.3.3 Rotina diária de trabalho do homem

A rotina de atividades do agricultor familiar da Cachoeirinha também começa muito cedo. O homem faz de tudo na unidade familiar. Em geral, depois de tomar café, ele vai para o curral onde, tira o leite para ser comercializado, dá comida para os animais, conserta cerca, roça pasto, capina e cuida da lavoura. Depois do almoço ele praticamente repete a rotina da manhã, só parando para um pequeno descanso ou voltando para casa um pouco mais cedo, quando o sol está muito forte. As atividades são bastante intensas, praticamente não existe descanso nos domingos e feriados.

Existem aqueles que trabalham fora da unidade de produção familiar fazendo os mais variados tipos de serviços: trabalham como carpinteiros, pedreiros, tratoristas, no retiro do leite, na horticultura, capina ou em tudo o que for necessário. Saem pela manhã bem cedo e voltam à tardinha. Quando retornam, sempre têm alguma coisa para fazer. Nos finais de semana eles costumam trabalhar na unidade familiar, continuando as atividades

desenvolvidos pelas mulheres ou filhas e filhos. O homem participa com mais intensidade que as mulheres em alguns trabalhos considerados “pesados” por elas, como a capina, o retiro do leite e o trabalho na lavoura. A comercialização também é feita por ele.

TABELA 24. Rotina diária de trabalho dos homens esposos das entrevistadas

Atividade	Manhã	Tarde	Noite	Número de entrevistadas
Atividades com gado	7	7	-	31
Atividades com lavoura própria	6	20	-	31
Trabalho fora da unidade familiar	11	11	-	31
Comercialização	3	2	--	31
Cuidado com a unidade familiar	4	2	-	31
Outras atividades	3	1	-	31
Lazer	-	-	25	31

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

4.3.4 Rotina diária das filhas adultas adolescentes e crianças

As filhas adolescentes e crianças estudam e participam junto com as mães em quase todas as atividades da casa. Quando a mãe está trabalhando na colheita do café ou de empregada doméstica, algumas chegam a assumir todas as atividades da casa. Elas cuidam da limpeza da casa, fazem almoço, janta, lavam e passam roupa, cuidam dos irmãos menores, estudam e fazem seus deveres escolares.

Notou-se, por parte de muitas entrevistadas um certo cuidado ao fazer referência às atividades das crianças. Muitas mulheres dizem que as crianças só

estudam e brincam, mas em geral as crianças participam de muitas atividades desenvolvidas por suas mães, seja nos afazeres domésticos, na horta ou com as pequenas criações.

TABELA 25. Rotina diária de trabalho das filhas adultas, adolescentes e crianças

Atividade	Manhã	Tarde	Noite	Número de Entrevistadas
Cuidados da casa	6	10	-	31
Atividades produtiva na unidade familiar	2	4	-	31
Estudo	1	1		31
Descanso	10	2	1	31
Outros	-	-	-	31

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

4.3.5 Rotina diária dos filhos adultos, adolescentes e crianças

Os filhos adolescentes e crianças também estudam e desenvolvem diversas atividades na unidade familiar, junto com seus pais ou sozinhos. Eles fazem todo o trabalho que seria realizado pelo pai na sua ausência. Os mais velhos trabalham na lavoura, na capina, e roçam pasto. Alguns já ganham o seu próprio dinheiro trabalhando em outras unidades familiares, fazendo os mais variados tipos de trabalhos, as crianças também participam de muitas atividades que são consideradas pelos seus pais mais “leves”, mas todos participam.

TABELA 26. Rotina diária dos filhos adultos, adolescentes e crianças residentes no domicílio das entrevistadas

Atividades	Manhã	Tarde	Noite	Número de entrevistadas
Atividades com gado	7	3	-	31
Atividades com lavoura própria	4	5	-	31
Trabalho fora da unidade familiar	3	5	-	31
Cuidados com a casa	2	1	-	31
Estudo	11	6	3	31
Descanso	-	-	6	31

Fonte: Pesquisa de campo, 2003.

As famílias rurais da Cachoeirinha têm 5 fontes de rendas principais, que são a produção rural, com a venda do leite, de hortaliças, milho e alambique, aposentadorias urbana e rural; o salário de pessoas que trabalham na cidade; as políticas compensatórias do governo, como a bolsa escola, o vale gás e a bolsa alimentação, além do trabalho do homem em outras unidades familiares ganhando algum tipo de remuneração. Nem todas as famílias têm todas essas rendas, mas algumas têm a aposentadoria e recebem dinheiro também de membros que trabalham na cidade. Outras, além da aposentadoria, têm renda da produção rural ou o homem trabalha ganhando algum tipo de renda e recebe vale gás e bolsa escola.

TABELA 27. Fontes de renda na unidade familiar de produção

Área Total	0 a 4	3 a 4	5 a 6	10 a 25	Mais de 35	Totais
Salário do filho	-	1	-	-	1	3,22
Venda do leite	2	1	-	1	1	16,10
Aposentadoria	2	1	-	4	-	25,80
Remuneração do homem	2	5	3	3	-	42,00
Salário da mulher	-	1	-	-	-	3,22
Aluguel do pasto	-	-	-	-	1	3,22
Horticultura	1	-	-	-	-	3,22
Alambique	-	-	-	-	1	3,22
(%)	22,58	29,03	9,67	25,80	12,92	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, 2003.

Na Tabela 27 vê-se que 14 das mulheres entrevistadas responderam que a atividade que gera mais renda na unidade familiar é o trabalho do marido que ganha algum tipo de remuneração. Dessas 14 unidades familiares, seis delas usam 3 hectares de terra, três usam 6 hectares, duas famílias têm 1 hectare, uma tem 9 hectares, uma tem 15 e uma outra família tem 21 hectares. Nota-se que praticamente não existe diferença de renda entre terrenos maiores ou menores, pois famílias que possuem terrenos maiores, com 9, 15 e 21 hectares, também responderam que a atividade que gera mais renda é algum tipo de remuneração masculina.

Percebe-se que o tamanho da área não influencia a produção, pois pessoas que possuem áreas maiores (10 a 25 hectares) afirmam que a atividade que gera mais renda na unidade familiar é a aposentadoria, enquanto famílias que tem pequenas áreas de (0 a 2 hectares) falam que é a produção rural, como a venda do leite, de hortaliças e do milho, que gera mais renda.

Na opinião das mulheres, o que gera mais renda é o trabalho do homem ganhando algum tipo de remuneração. Segundo elas, é daí que vem o dinheiro para garantir o sustento da família, comprar remédios, e tudo aquilo que não é produzido na unidade familiar, como objetos de uso pessoais (roupas e calçados), entre outros.

A aposentadoria apresenta-se como a segunda fonte de renda mais importante na opinião das entrevistadas. Segundo elas, não é muito, mas é um dinheiro com o qual se pode contar todo mês e é de grande importância para o orçamento familiar. Ele ajuda em todas as necessidades da família, desde a compra de remédios até a compra de alimentos necessários para toda a família.

A produção rural também surge como de fundamental importância na unidade familiar. Ela não gera renda líquida, mas é dela que se obtém o sustento da família com a produção de muitos alimentos, como feijão, mandioca e milho; o leite e seus derivados, como queijos, manteiga e doces, que enriquecem o cardápio alimentar. Existem também as pequenas criações, que além de alimentação, também geram renda com a venda de galinhas e ovos, sem contar com as hortaliças que a maioria das famílias cultiva para consumo.

4.4 Investimentos ou gastos feitos pela mulher na unidade

Observou-se que, na opinião de quase todas as mulheres entrevistadas, a prioridade na hora de gastar, tanto o seu dinheiro como o do homem, é a compra de alimentos e remédios; as roupas e calçados para toda a família vêm em seguida, ou seja, o dinheiro é utilizado em benefício da família.

“Alimentação é básico. O resto é se puder. Remédio não pode levar em conta, porque precisou, tem que comprar” (J.B.V. homem, 54 anos).

Dos homens entrevistados, muitos deles também levam em conta a prioridade dos alimentos. Mas a maioria acha prioritário os itens relacionados à produção, como compra de insumos, adubos, remédio para as vacas entre outros.

“A gente investe na saúde se precisar de medicamento; depois vem a alimentação. Só o que precisa comprar, porque, graças a Deus, a gente a gente produz bastante e o restante a gente investe na própria propriedade com adubos, sementes de boa qualidade, inseticida, aplicação de medicamentos no gado” (J.E, homem, 54 anos).

TABELA 28. Investimentos ou gastos feitos pela mulher na unidade familiar

Investimentos ou gastos	Número de entrevistadas	(%)
Não faz nem investimentos nem gastos	20	64,00
Gastos	8	26,00
Investimentos	3	10,00
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A Tabela 28 mostra que somente 10% das mulheres responderam que fazem algum tipo de investimento na unidade familiar; 26% fazem algum tipo de gasto, mas a maioria das mulheres o equivalente a 64%, respondeu que não faz nenhum tipo de investimento ou gasto na propriedade. Segundo a maioria das

entrevistadas, elas não fazem nenhum tipo de investimento na unidade familiar, porque a maioria delas não realizam trabalho remunerado.

As que trabalham empregam todo o seu dinheiro em compras para casa, como alimentos, roupas ou remédios. Algumas investem seu dinheiro na melhoria da residência, aumentando a casa, fazendo algum tipo de reforma, construindo uma melhoria, ou na compra de móveis e eletrodomésticos para casa.

TABELA 29. Contribuição da mulher em dinheiro ou produtos na unidade familiar

Contribuição	Número de entrevistadas	(%)
Não faz nenhum tipo de contribuição	21	68,00
Em dinheiro	6	19,00
Em produtos	4	13,00
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Na Tabela 29 vê-se que somente 32% das agricultoras familiares da Cachoeirinha afirmam contribuir com dinheiro ou produtos. Como mostrou a Tabela 18, elas falam que não contribuem porque não estão empregadas, portanto, não podem contribuir. As que trabalham empregam todo o seu dinheiro na unidade familiar. Muitas falam que entregam seu dinheiro para juntar com o do marido para comprar o que for necessário para o sustento da família ou com alguma despesa da unidade de produção familiar, como um remédio para um animal que está precisando ou algum defensivo agrícola para as hortaliças, entre outras coisas.

4.5 Comercialização

O produto comercializado possibilita uma renda a mais, pois a grande maioria dos homens tem algum tipo de atividade remunerada fora da unidade familiar. A comercialização é feita pelos homens, e o dinheiro obtido com essas vendas também é administrado pelos homens, independente do produto que foi produzido ser fruto do trabalho do homem ou da mulher.

As mulheres que recebem aposentadoria ou algum tipo de renda, como salário de empregada doméstica, faxineira ou com a venda de ovos, galinhas, porcos ou qualquer outro produto, também utilizam essa renda para suprir as necessidades de toda a família, como na compra de alimentos que não são produzidos na unidade familiar, para pagar uma conta, comprar roupa, calçado e remédio, ou repassam o dinheiro para seus maridos.

Quando as mulheres foram indagadas sobre o motivo de não fazerem a comercialização, respondiam dessa maneira.

“É costume, sempre foi feita por eles”. “Meu marido não deixa eu sair sozinha “ Eu não sei fazer contas e tenho medo que alguém me engane, ele sim, é danado nessas coisas” (F.S.R., mulher, 56 anos).

TABELA 30. Destino dos produtos comercializados

Destino dos produtos comercializados	Número de famílias	(%)
Para laticínios	10	66,67
Comércio de Lavras	5	33,33
Total	15	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Como se pode observar na Tabela 30, a comercialização da produção das unidades familiares da Cachoeirinha, em sua grande maioria, o equivalente a 67%, é feita lá mesmo na Cachoeirinha. No caso do leite, um laticínio existente numa comunidade próxima chamada Registro vai buscar nas unidades familiares; o milho que é produzido por uma família, é comercializado entre os vizinhos. Só foi encontrado um caso de uma família que negocia leite com uma cooperativa. Outros produtos, como queijo, cachaça, carne e hortaliças, são comercializados em Lavras.

TABELA 31. Quem comercializa

Quem comercializa	Pessoa da família	(%)
O homem	12	80,00
Os filhos	3	20,00
Total	15	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

A comercialização é feita pelos homens/maridos e filhos, como mostra a Tabela 31. Não foi encontrado nenhum caso em que a mulher fizesse a comercialização de algum produto, nem os produzidos por ela, como é o caso de uma família que produz queijo. A mulher faz o queijo mas quem vende na cidade é o homem. No caso das hortaliças acontece o mesmo. A mulher trabalha na horta, mas a comercialização é feita pelos filhos na cidade.

TABELA 32. Comercialização

Onde é comercializado	Número de unidades familiares	(%)
No meio rural	10	66,67
Na cidade	5	33,33
Total	15	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

Das 15 famílias que vendem algum tipo de produto na unidade familiar, 67% delas vendem leite e comercializam lá mesmo na Cachoeirinha, como mostra a Tabela 32. Os donos de um laticínio apanham o leite lá mesmo na unidade familiar. O leite gera renda praticamente o ano inteiro e quase todos os que vendem reclamam que o ganho é pouco, mas reconhecem que ele ajuda muito nas despesas da família.

Somente 33% das famílias comercializam seus produtos na cidade. Os horticultores, ao contrário dos agricultores familiares que vendem leite, não comercializam o ano inteiro, pois algumas hortaliças por eles cultivadas, como a alface, só são produzidas em certa época do ano. Um agricultor que vende carne nos açougues de Lavras também só comercializa algumas vezes no ano, e outro, que vende seus queijos nas casas, faz isso semanalmente.

4.6 Tomada de decisões

O apoio dado pela mulher a toda a família é de total importância para a unidade familiar. Mas, no âmbito doméstico ou fora dele, na hora de decidir em que investir o dinheiro ou em que gastar, a opinião que prevalece geralmente é a do homem. Quando se perguntou aos homens se sua mulher toma parte nas

decisões referentes a investimentos ou gastos na unidade de produção, quase todos responderam que sim, que para tudo o que vão fazer costumam pedir a opinião das mulheres e que as mulheres participam de quase todas as decisões importantes da família.

Quando a mesma pergunta foi feita para as mulheres, a resposta foi quase que a mesma; os homens geralmente perguntam, pedem opinião mas na hora de decidir e acabam resolvendo de acordo com a sua vontade. Somente algumas mulheres responderam prontamente que não, que quem resolve tudo em casa é o homem.

“Participa. Mas se não for uma coisa que eu ache certo eu não faço. Tem coisas que você tem que discordar” (P.C.S, homem, 56 anos).

“Sim. Quando ele vai comprar alguma coisa, quando vai mudar de casa, de emprego, ele pede minha opinião” (S.M.P.F, mulher, 30 anos).

Quando o assunto se refere à casa, como compra de alimentos, vestimentas para a família ou eletrodomésticos, na maioria das vezes ela não decide. Quando se refere à produção, como compra de insumos ou remédio para o gado, a decisão fica com o homem.

A mulher não tem muita autonomia para decidir sozinha em que gastar o dinheiro. Essa decisão é sempre do marido, mesmo em relação às compras de casa; algumas dizem que fazem a lista das compras e passam para ele, mas ele acaba comprando o que quer. Uma mulher relatou o seguinte: se ela precisar comprar algo para casa é só pedir o dinheiro e comprar; agora, se for algo para uso pessoal dela, aí ela tem que dizer o que é.

Geralmente a mulher depende do marido para comprar seus objetos pessoais ou para os filhos, com exceção das aposentadas e das que trabalham fora como empregadas domésticas ou na colheita do café. Quando o dinheiro não dá, o jeito é esperar:

“Quando não tem jeito de comprar fica sem, só na vontade. Quando preciso e tá sobrando, meu marido me dá. Mas, ultimamente, não tá sobrando nada” (R.A.B.P, mulher, 38 anos).

As mulheres que não ganham nenhum tipo de renda lamentam muito não trabalhar para poder comprar seus próprios objetos pessoais e ajudar nas despesas da casa. Elas reconhecem que a vida de uma mulher que trabalha fora é muito difícil, porque além do trabalho dela fora de casa, existem as atividades domésticas, que ela não pode deixar de fazer. Mas também reconhecem que há compensações, como o dinheiro que entra.

A maioria das mulheres vê o trabalho remunerado como uma independência, não pedir mais nada para o homem, poder fazer o que quiser com o seu dinheiro e, principalmente, funciona como uma maneira de ajudar o homem com as despesas da casa.

“A vida de uma mulher que não trabalha fora é uma rotina. Tudo do mesmo jeito e você não tem o seu dinheiro pra fazer o que você quer. Se precisa de uma coisa, tem que pedir pro marido. Se é solteira, tem que pedir pro pai. A mulher que trabalha é diferente, ela é independente, porque a gente com o dinheiro da gente é livre para fazer tudo, comprar o que quiser” (S.M.P.F, mulher, 30 anos).

“A mulher que não trabalha fora tem uma vida ruim. Se você tem o seu dinheiro, você sabe em que gastar, sabe o que fazer com ele. Quando eu trabalhava fora era muito custoso, porque tinha que trabalhar lá e em casa, mas era bom porque eu tinha saúde” (N.J.S, mulher, 61 anos).

Alguns homens não concordaram com as mulheres à respeito do trabalho remunerado fora de casa. Eles acham que a mulher só deve trabalhar em caso de necessidade financeira, a partir do momento em que ela se casa, as obrigações delas se relacionam às atividades do lar ou com a família. Segundo eles, se a mulher quer ser independente, então não precisa se casar; e na opinião desses homens, é essa independência da mulher que está causando a separação das famílias.

“Dependendo da necessidade é muito justo ela trabalhar, eu sou a favor. Tem muita mulher que não gosta do trabalho doméstico. Depende da necessidade financeira para ela ajudar no orçamento. Se não, não justifica ela trabalhar. Mas essa independência da mulher interfere muito na vida da família. A mulher que trabalha qualquer coisinha fala que não precisa do marido; se ela quer ser independente então não precisa nem casar” (A.P.G, homem, 46 anos).

“(...) Se a mulher trabalha pra ganhar, ela se acha independente e eu acho que não é certo, porque a mulher casa, aí ela começa a ganhar e acha que é dona dela porque tem o dinheiro dela, e eu não acho isso certo. Hoje em dia os casamentos duram um mês, dois meses, porque as mulheres casam e são todas empregadas. Então elas acha que não precisam do marido e às vezes nem se interessam em fazer nada em

casa... No meu modo de ver, elas têm que ser dependente, dar satisfação pro marido, pedir o que precisa pra ele, porque se ela trabalhar, ela não precisa dele...A ajuda não precisa ser financeira. Se ela ajudar economizando em casa ela já faz muito” (P.C.S, homem, 47 anos).

A maioria deles concorda que a mulher deve trabalhar para ajudar o marido, principalmente quando ele está ao lado dela na hora da entrevista. Mas o que fica bem claro na opinião da maioria das mulheres é a comparação da renda, o fato de ganhar dinheiro como sinônimo de liberdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário discutir a desigualdade de gênero junto à agricultura familiar. O trabalho doméstico não-remunerado das mulheres é bastante elástico. Em nome da eficiência e da produtividade, há uma transferência de custos para a economia não-remunerada porque não se contabilizam as contribuições não-pagas e a produção não-comercializada

Desconsiderar o trabalho da mulher na agricultura é deixá-lo invisível, é ignorar a sua contribuição econômica na produção agrícola. A questão é eminentemente política: a não inclusão desse trabalho nos cálculos das contas nacionais contribui para a sua desvalorização e, assim, para a reprodução da política de exclusão das mulheres; no caso da agricultura familiar, não há o reconhecimento da própria casa como um espaço do trabalho produtivo e que também gera renda.

O desenvolvimento da agricultura familiar, a partir de uma abordagem de gênero, também tem um importante significado político social, devendo se levar em conta os sujeitos envolvidos na unidade de produção familiar, como homens, mulheres e crianças, considerando os desejos e anseios de cada um. Se todos os membros da família têm uma função e um papel no processo produtivo, eles têm direito de tomar parte nas discussões e nos resultados. Por isso é preciso valorizar a importância das mulheres na agricultura familiar, construindo relações sociais de gênero mais igualitárias e mais solidárias.

A comunidade da Cachoeirinha é composta por agricultores que estão no local há muitos anos, predomina neste local as famílias pequenas, compostas de pai, mãe e filhos. As unidades familiares são pequenas, o que não fornece condições para as famílias suprirem suas necessidades e permite que o marido vá em busca de trabalho em outras unidades familiares ou em Lavras.

As mulheres dedicam-se intensamente a várias atividades de tipo doméstico, como a lida com o quintal, o cuidados com a horta, com pequenos animais, casa e filhos e também as atividades produtivas nas roças. No entanto, essas atividades são entendidas como parte das obrigações femininas, ficando as mulheres subordinadas ao homem e à família.

As atividades que garantem o sustento da família resultam dos serviços de maridos e filhos, estes são considerados principais. Mesmo quando é a mulher quem assume boa parte das despesas da família, ela é considerada secundária.

Algumas mulheres realizam atividades que geram renda, como o trabalho de domésticas, na colheita do café ou na fabricação de queijos, enfrentado dupla jornada de trabalho. Todavia, no seu discurso quem sustenta a casa é o marido, mesmo quando este não tem trabalho fixo e vive de fazer “bicos”. Muitas mulheres ainda não reconhecem sua contribuição, tendendo a perpetuar sua subordinação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; SILVA, R. As relações de gênero na Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais (CONTAG). In: ROCHA, M. I. B. (Org.). **Trabalho e gênero. Mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP, NEPO/UNI CAMP, CEDEPLAR/UFMG, Editora 34, 1998.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: UNICAMP, 1992.

ALENCAR, E.; GOMES, M. **Metodologia da pesquisa social e diagnóstico participativo**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998.

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa social**. Lavras: UFLA, 1999.

BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica da família. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v.6, n.1-23, jan./jun. 1989.

BRUSCHINI, C. Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade? In: ABRAMO, I.; ABREU, A. (Org.). **Gênero e trabalho na sociologia de latino-americana**. Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CARMO, R B. A. **A questão agrária e o perfil da agricultura familiar brasileira**. Disponível em: <<http://gipaf.cnptia.embrapa.br>>. Acesso em: 18 mar. 2003.

CHAYANOV, A. V. **La organizacion de la unidad econômica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión SAI, 1974.

COSTA, L. C. **Gênero: uma questão feminina?** Disponível em: <<http://www.rits.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2003.

DELGADO, G.C. Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965-1985. São Paulo: Ícono/Edunicamp, 1985.

DESER/CMTR/PR. Gênero e agricultura familiar, cotidiano de vida e trabalho na produção de leite. Curitiba, 1996.

DUARTE, L. M. G.; SALVIANO, O. M. F. O programa de verticalização da pequena produção familiar – PROVE como alternativa ao desenvolvimento rural sustentável e à cidadania da mulher do campo. In: **Dilemas do cerrado: entre o ecologicamente (in) correto e o socialmente (in) justo.** Rio de Janeiro: Gramond, 2002.

FARIA, N.; NOBRE, M. Gênero e desigualdade. São Paulo: SOF, 1997. (Cadernos Sempre Viva).

GARCIA JÚNIOR., A. O sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero, 1998.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. In: SHIKI, S.; GRAZIANO DA SILVA, J.; ORTEGA, A. C. (Orgs.). **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro.** Uberlândia: UFU, 1997.

GODOY, A. S. “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”. **Revista de Administração Empresas,** São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

DUARTE, M. L. G.; THEODORO, S. H. (Coords.) Entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HEREDIA, B.M. A. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 164 p.

HEREDIA, B. M. A.; GARCIA, F. M., J. R.; AFRANIO, R. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, N. (Coord.). **Mulher na força de trabalho na América Latina: análises quantitativas.** Petrópolis: Vozes, 1984.

GUANZIROLI, C. H.; CARDIM, S. E. C. S. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO: novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto. Brasília: INCRA/FAO, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Agropecuário 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2003.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE PESQUISA E DE FORMAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DA MULHER (INSTRAW); ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Conceitos de Gênero no Planejamento do Desenvolvimento. Uma abordagem básica. Brasília: Ed. Conselho dos Direitos da Mulher do Distrito Federal, 1995.

KAGEYAMA, A. (Coord.). O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, G.C.; GASQUES, J. G.; VILLA VERDE, L. M. (Org.) *Agricultura e políticas públicas.* Brasília: IPEA, 1990.

KAUTSKY, K. A questão agrária. Tradução de Speroig. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.

LAMARCHE. H. A agricultura: comparação internacional: uma realidade multiforme. Campinas: UNICAMP, 1993.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. Campinas: UNICAMP, [197-?]. Mimeografado.

MARIA, E. L. P. Sistema de produção: uma perspectiva de gênero. Disponível em: <<http://www.rits.org.br>>. Acesso em: 27 jan. 2003.

MELO, H. P. Agricultura Familiar nos Assentamentos Rurais: o trabalho da mulher na agricultura familiar. In: ENCONTRO NACIONAL ABEP, 13., 2002, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

MINAY, M. C. S. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.

Petropolis: HUCITEC, 1978.

MOURA, M. M. Os herdeiros da terra. São Paulo: HUCITEC, 1978.

NOBRE, M. Gênero e agricultura familiar a partir de muitas vozes. In NOBR

E. M., SILIPRAND, E.; MENASCHE, R. (Orgs.). Gênero e agricultura familiar. São Paulo: SOF, 1998. (Cadernos Sempreviva).

PAULILO, M.I. O peso do trabalho leve. Ciência Hoje, v. 5, n. 28, jan/fev. 1987.

VEIGA, J. E. da. Uma estratégia de desenvolvimento rural para o Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 21., 1997, Caxambu. Anais... Uberlândia: UFU, 1997.

VEIGA, J.E. et al. Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento: Brasília: FIPE / IIEA (MDA/CNDRS/NEAD), 2001.

WOORTMANN, E. F. Herdeiros, parentes e compadres. São Paulo: Huitec, 1995.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Roteiro 1 (para as mulheres da comunidade da Cachoeirinha)

1 Identificação

- Nome:
- Idade:
- Estado civil:
- Local:
- Data:
- Estado civil:
- Anos de estudo:
- Número de filhos:
- O que fazem:

2 Uso da terra

- A unidade de produção familiar é de vocês?
- Qual a forma de aquisição da unidade familiar?
- Qual a condição de uso da terra para a família?
- Qual o tamanho da unidade familiar?
- Quantas famílias vivem na unidade familiar?
- Quanto vocês costumam plantar?
- O que plantam?

- A família tem atividade na produção agropecuária?
- Possui gado na unidade familiar?
- Quantas cabeças?
- Para qual finalidade?
- Possui horta?
- Quem cuida?
- Quais as hortaliças cultivadas?
- Para qual finalidade?
- Quem administra a unidade familiar?
- Quantas pessoas da família trabalham na unidade familiar?
- Quantos trabalhadores permanentes trabalham na unidade familiar?
- Quais os serviços executados por eles?
- Quantos trabalhadores temporários são empregados na unidade familiar por ano?
- Quais os principais serviços executados por eles?
- Em que época do ano eles são contratados?
- Quais as atividades que mais ocupam mão-de-obra? Da família, de fora, ou total?
- São pessoas da comunidade?
- Recebe assistência técnica?
- Quais as atividades que exigem maior esforço físico na unidade familiar desenvolvidas por homens mulheres e crianças?
- Você já recebeu algum tipo de curso ou treinamento?

- Além de você tem mais gente que trabalha na unidade familiar que recebeu algum tipo de treinamento?

3 Comunidade

- Você sempre morou na comunidade?
- Quantas famílias vivem na comunidade?
- O pessoal da comunidade costuma se reunir? Por qual motivo?
- Existe algum tipo de associação na comunidade? Com qual objetivo?
- Você participa da associação? Com qual objetivo?

4 Trabalho

- Profissão:
- Você trabalha?
- No que trabalha?
- Quantas horas você trabalha por dia?
- Você recebe dinheiro pelo trabalho desenvolvido na unidade familiar?
- Você sempre foi produtora rural?
- Faz algum trabalho fora da unidade familiar? Qual?
- Onde realiza esse trabalho?
- Quais pessoas da família trabalham o ano todo na terra?
- Quais pessoas da família que trabalham na terra e ao mesmo tempo em outras atividades no meio rural u na cidade? Em que época do ano?
- O que eles fazem na cidade?
- Quais as principais atividades das pessoas do domicílio?

5 Fontes de renda

- Quais as fontes de renda da família?
- Outras formas de renda?
- Quais as fontes de renda mais importantes?
- Quais as atividades que geram mais renda na unidade familiar?
- Você considera essa renda boa? Por quê?
- Que tipo de investimentos ou gastos você faz com sua renda na unidade familiar?
- Qual sua contribuição em dinheiro ou produto na unidade familiar?

6 Comercialização

- Qual a forma de comercialização
- Quem comercializa?
- Onde é comercializado?

Roteiro 2 (para mulheres e homens da comunidade da Cachoeirinha)

- O que você entende por trabalho?
- Sua esposa trabalha?
- O que você considera trabalho de homem e trabalho de mulher rural?
- O que é prioridade nas atividades de sua esposa?
- O que o senhor acha da mulher que trabalha fora?
- Quantas horas sua esposa trabalha por dia?
- Para o senhor o que é prioridade na hora de gastar?

- Sua esposa toma parte nas decisões? Quais?
- Sua mulher trabalha na lavoura?
- Quais as atividades desempenhadas por sua mulher e filhos?
- O senhor participa na educação dos filhos?
- O senhor participa das atividades domésticas?
- Quem é responsável pela casa?
- Quem é responsável pelo sustento da família?
- O que o senhor pensa das mulheres urbanas que trabalham?
- Porque as mulheres rurais não trabalham fora?
- Os homens (maridos e filhos) participam das atividades domésticas?
- Os homens participam da educação dos filhos?
- Qual a importância do estudo para sua família e para seus filhos?
- Qual a diferença entre “trabalho”, “obrigação”, e “ajuda”?
- O que significa ser “do lar” e ser “dona de casa”?
- A senhora decide em que e quanto gastar? O que é prioridade nessa hora?
- A senhora toma parte nas decisões? Quais?
- A senhora se considera dependente de seu marido?
- Como é a vida de uma mulher que trabalha fora? E de uma mulher que não trabalha fora?
- Como a senhora consegue as coisas que precisa comprar?
- Como a senhora se arranja quando não consegue comprar?
- Tem pequenas criações? Quais? Gera renda? Por quê?
- O que a senhora faz com essa renda?

- Por quê a comercialização é feita pelos homens?
- Você comercializa alguma fruta? Qual?